

ARTIGO*

Arqueologia e história indígena na região de Santarém/PA: revisão bibliográfica das pesquisas arqueológicas com a Cerâmica Tapajó nos Sítios Porto e Aldeia, Baixo Tapajós, Amazônia

Hudson Romário Melo de Jesus¹

RESUMO

Este artigo é uma reelaboração da aula no curso de extensão *História e Cultura Indígena - 5ª edição*, intitulada *Arqueologia da região de Santarém*, que abordou as ocupações indígenas pré-coloniais no baixo Tapajós, com foco nos sítios Porto e Aldeia, Santarém/PA. As evidências arqueológicas revelam sociedades complexas, com produção de cerâmica ritual sagrada, manejo agrícola com formação de terras pretas em áreas de várzeas e terra firme. A partir de uma trajetória acadêmica e docente comprometida com os saberes tradicionais, proponho uma arqueologia indígena viva, que valoriza a agência dos povos originários e promove o diálogo entre ciência, conhecimento ancestral e uma pedagogia decolonial. As escavações e análises estratigráficas evidenciam redes de intercâmbio cultural, diversidade ceramista e padrões de assentamento organizados, desafiando interpretações coloniais sobre a Amazônia. O trabalho destaca a relevância das comunidades indígenas como protagonistas históricos e defensores de seus territórios e saberes, reafirmando a centralidade de abordagens colaborativas e epistemologias plurais na produção do conhecimento arqueológico.

Palavras-Chave: Arqueologia de Santarém. Arqueologia Amazônica. Arqueologia Indígena. Cerâmica Tapajó. Sítio Porto. Sítio Aldeia.

INTRODUÇÃO

Nesta aula do curso de extensão *História e Cultura Indígena - 5ª edição*, que faz parte da *Semana dos Povos Indígenas*, tratamos da arqueologia como ferramenta de estudo dos contextos pré-coloniais nos sítios Porto e Aldeia, em Santarém/PA, baixo Tapajós. Estes sítios arqueológicos são caracterizados por bolsões rituais contendo cerâmicas cerimoniais finamente elaboradas e instrumentos líticos de alta complexidade técnica, além da presença de terras

¹ Arqueólogo. Doutorando em Antropologia no Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social na Universidade de Brasília (PPGAS/UnB). Mestre em Arqueologia na Universidade Federal de Sergipe (PROARQ/UFS). Bacharel em Arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará (PAA/UFOPA). Membro do Laboratório de Relações Interétnicas (LAGERI/UnB). E-mail. hudsonmelodejesus@gmail.com
Link do Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3075536675407691>

* PRODUZIDO NO ÂMBITO DO CURSO DE FORMAÇÃO PARA PROFESSORES EM HISTÓRIA E CULTURA INDÍGENA – 5ª ED. 2025.

pretas indígenas, evidenciando a complexidade cultural, social e ecológica dessas sociedades indígenas milenares. Na região do baixo Tapajós, os vestígios arqueológicos indicam o desenvolvimento de sistemas avançados de manejo ambiental, produção intencional de terras pretas, agricultura diversificada em áreas de várzea e terra firme, construção de edificações com funções habitacionais e simbólicas, e a utilização de recursos florestais e aquáticos (Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2020b, 2021, 2022a, 2022b, 2023, 2024; Jesus Tupinambá, 2023, 2024; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025; Jesus; Oliveira, 2023; Jesus; Rebellato, 2019).

Enquanto professor de História, Geografia e Estudos Amazônicos nas escolas indígenas Suraraitá Tupinambá e Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, na Terra Indígena Tupinambá do baixo Tapajós (Jesus, 2022a, 2022b, 2023; Jesus Tupinambá, 2023; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025; Jesus; Oliveira, 2023), bem como professor no Departamento de Arqueologia na Universidade Federal do Oeste do Pará, em Santarém/PA, compartilho trajetórias de formação científica, pesquisa arqueológica e práticas educativas em territórios indígenas ancestrais. A Arqueologia Viva (Jesus, 2022a) representa os saberes tradicionais e promove a participação comunitária, ao reconhecer a pluralidade étnica e a continuidade histórica dos povos indígenas e de suas evidências de organização espacial que apontam para núcleos populacionais estruturados com presença de sociedades densamente habitadas, com planejamento territorial, manejo ambiental e construção simbólica da cultura e dos territórios com base em princípios cosmoecológicos na Amazônia pré-colonial. A importância de uma Arqueologia Viva (Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2020b, 2021, 2022a, 2022b, 2023, 2024; Jesus Tupinambá, 2023, 2024) está no diálogo e respeito à autodeterminação dos povos indígenas. Em vez de atuar apenas como uma ciência sobre os indígenas, a arqueologia se transforma em uma prática científica com os indígenas, construída coletivamente, em campo, nas escolas

indígenas, nas aldeias e nos centros de saberes tradicionais, onde se cruzam as memórias, os conhecimentos orais, os rituais e as territorialidades ancestrais.

A arqueologia e a história indígena pré-colonial nos sítios Porto e Aldeia (Jesus, 2018, 2022a; Jesus Tupinambá, 2023) concebem teorias e metodologias para ressignificar a história amazônica e ampliar as possibilidades de releitura sobre as habitações pré-coloniais dos sítios arqueológicos na região de Santarém. São contextos que revelam redes de produção simbólica e manejo ambiental, que desafiam interpretações coloniais e evolucionistas historicamente atribuídas aos grupos desses territórios. Esses estudos também propõem uma reflexão sobre o tempo histórico e o tempo arqueológico e possíveis relações entre os sítios arqueológicos e os povos indígenas atuais do baixo Tapajós. Percebe-se, nesse sentido, as interfaces e contruições entre antropologia e arqueologia, evidenciadas especialmente pelas contribuições dos estudos etnográficos e escavações em conjunto com os povos indígenas contemporâneos.

Entre os objetivos do curso de extensão está a apresentação da história da longa duração da presença indígena no Brasil, com ênfase nas contribuições da arqueologia para a compreensão das sociedades indígenas ao longo do tempo, reconhecendo epistemologias locais na construção de narrativas históricas e arqueológicas sobre o território brasileiro. O curso de extensão constitui um espaço interdisciplinar de formação, promovendo o diálogo entre conhecimentos acadêmicos e tradicionais, participam professores, lideranças, estudantes e profissionais de diversas áreas. A diversidade epistemológica dos povos indígenas, suas cosmologias e participação são fundamentais no fortalecimento de uma pedagogia decolonial e construção da educação indígena, contribuindo para a criação de uma ambiência plural e reflexiva. Em nome do curso de extensão e professores responsáveis, agradeço por contribuir neste importante espaço de formação e diálogo.

ARQUEOLOGIA EM TERRITÓRIO INDÍGENA: ENSINO DOCENTE E PESQUISA

Minha história na arqueologia ganhou profundidade quando retornei à aldeia São Francisco, durante a realização de pesquisa de mestrado em arqueologia, e à cidade de Santarém para trabalhar na educação básica e no ensino acadêmico. Essa vivência enriquecedora me permitiu lecionar a partir de uma formação científica consolidada no ensino da história e arqueologia dos povos indígenas, comprometida com a realidade das nossas aldeias no baixo Tapajós. Entre 2013 e 2016, participei de escavações arqueológicas no Sítio Porto, enquanto estudante e monitor de campo do curso de Arqueologia da UFOPA e pesquisador do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú (Jesus, 2018; Jesus; Rebellato, 2019). Durante as campanhas, participei de diversas etapas do trabalho arqueológico, desde mapeamento dos sítios, escavações em campo, curadoria de materiais em laboratório, triagem, catalogação e análise de artefatos cerâmicos (Jesus, 2019, 2020, 2021). Em 2023, retornei ao Sítio Porto como professor do curso de Arqueologia da UFOPA, para participar de novas escavações com professores e estudantes de arqueologia, durante a disciplina de Prática de Campo. As atividades de escavação foram realizadas em áreas preservadas e reafirmaram a relevância do Sítio Porto na compreensão da longa duração das ocupações humanas no baixo Tapajós. Esta área abriga sítios de grande relevância, como os sítios Porto e Aldeia, cuja cultura material representa a temporalidade indígena de um panorama que permite acessar camadas complexas das dinâmicas sociais, ambientais e históricas que moldam a paisagem arqueológica.

Docência, ensino e pesquisa refletem uma visão epistemológica das ocupações indígenas pré-coloniais na Amazônia. Em 2022, defendi minha dissertação de mestrado em arqueologia sobre a Terra Indígena Tupinambá, que está localizada na margem esquerda do baixo rio Tapajós, com o objetivo de contribuir para o entendimento sobre as ocupações pré-

coloniais tardias, práticas de agricultura ancestral em ampla escala na paisagem e a cosmoecologia indígena, a partir de uma perspectiva que articula saberes tradicionais e ciência arqueológica (Jesus, 2022a, 2022b, 2023; Jesus Tupinambá, 2023; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025; Jesus; Oliveira, 2023). Essa perspectiva reafirma o potencial da arqueologia indígena, capaz de ressignificar o passado de maneira crítica (Jesus, 2022a). Minha trajetória como professor me permitiu adquirir conhecimentos fundamentais na formação em arqueologia, a partir do domínio de técnicas de escavação estratigráfica, registro sistemático de contextos arqueológicos e aplicação de protocolos de conservação de vestígios. Meu retorno tem sido uma forma de devolver o conhecimento produzido e ampliar o acesso à ciência em comunidades historicamente invisibilizadas pelos paradigmas coloniais.

Essa experiência foi fundamental para minha formação acadêmica, que me proporcionou uma vivência direta com o fazer arqueológico, dentro de um contexto territorial de profunda relevância histórica e cultural. Esse percurso formativo foi essencial para consolidar uma prática docente crítica, que valoriza os contextos locais e busca promover um ensino decolonial, pautado no diálogo entre arqueologia, história indígena e educação. Tal abordagem rompe com modelos pedagógicos eurocentrados e propõe a escuta ativa das cosmologias, ao integrar o conhecimento arqueológico aos modos indígenas de ler e cuidar da terra, a prática docente passa a se constituir como espaço de reflexão e transformação social, onde o ato de ensinar se converte também em um exercício de reparação histórica e epistemológica. Estas experiências contribuíram para a construção de uma sensibilidade crítica perante a multiplicidade dos saberes locais, diante das narrativas históricas e das relações entre arqueologia e práticas que valorizam a agência dos povos indígenas. Estas experiências com povos indígenas e sítios arqueológicos de terras pretas dialogam com a ciência, são atividades

formativas que expressam compromisso com a valorização das culturas indígenas ao promover práticas pedagógicas inclusivas sobre os modos de vida e organização social.

A pesquisa arqueológica é um instrumento fundamental para reconhecer a complexidade e diversidade das culturas indígenas, reafirmando sua centralidade histórica na construção das paisagens amazônicas e a importância de suas epistemologias. O envolvimento com a cultura material, oriundo de contextos milenares ancestrais, possibilita compreendermos dinâmicas culturais pré-coloniais e refletir sobre a continuidade histórica dos povos indígenas e sobre a importância da arqueologia na valorização dessas trajetórias. Além dos aspectos técnicos e científicos, essas experiências representam um momento de crescimento pessoal, que envolvem a pesquisa científica com comunidades locais e indígenas, cujas histórias estão diretamente conectadas aos contextos arqueológicos. Neste momento da minha trajetória acadêmica e pesquisas arqueológicas iniciadas durante a graduação e mestrado em arqueologia, enfatizo o aprofundamento da compreensão sobre a história indígena no baixo Tapajós.

Minhas ideias científicas refletem uma prática arqueológica comprometida com os territórios, saberes e vivências indígenas, em uma abordagem decolonial sensível às realidades locais. A arqueologia pode ser um instrumento de investigação científica, transformação social e valorização cultural, especialmente quando realizada por pesquisadores que pertencem aos próprios contextos estudados. A integração entre ensino, pesquisa e retorno às comunidades reforça uma ética de responsabilidade e reciprocidade, rompendo com os paradigmas coloniais que historicamente marginalizaram os povos indígenas. Ao articular a formação acadêmica com os conhecimentos tradicionais e a prática docente crítica, construímos uma trajetória que legitima a arqueologia indígena como campo fundamental para recontar a história da Amazônia a partir das próprias vozes e experiências dos povos indígenas.

POVO TAPAJÓ: CULTURA MATERIAL, DOMESTICAÇÃO DA PAISAGEM E COMPLEXIDADE SOCIAL

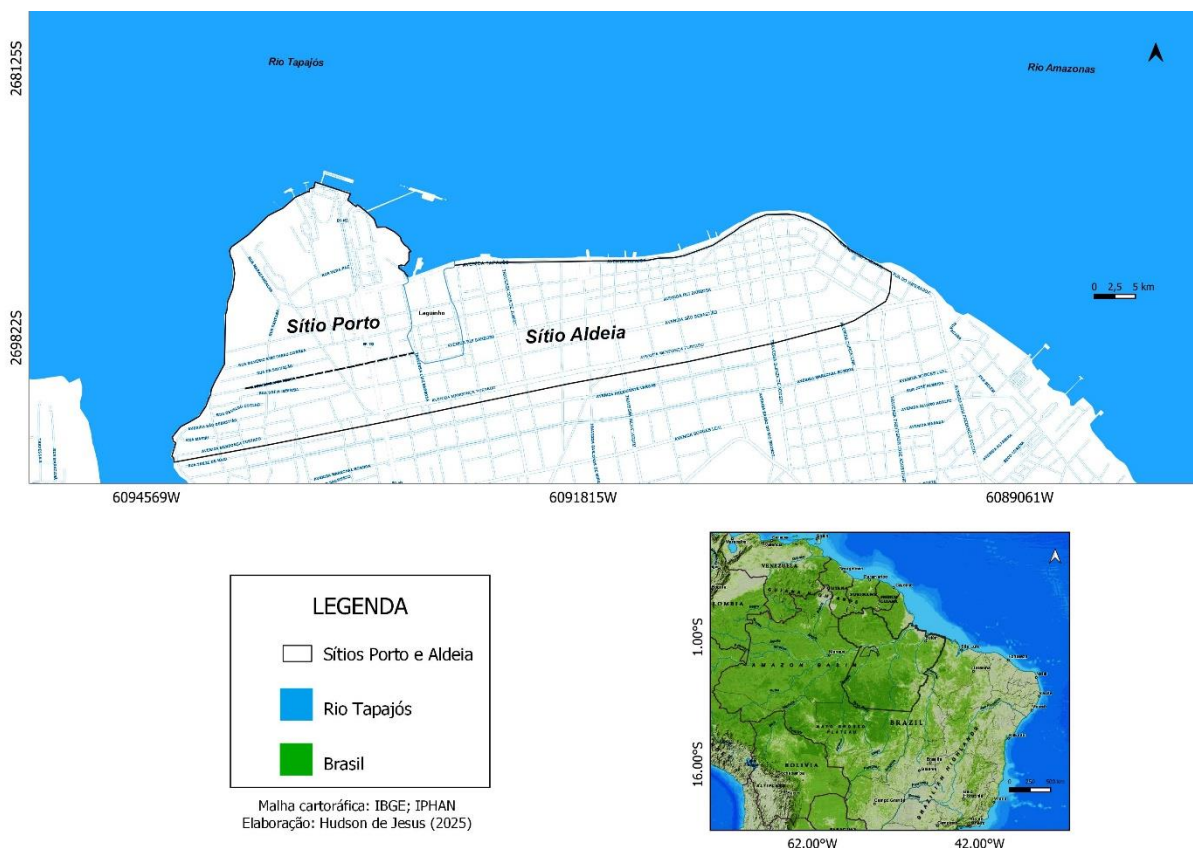
Em Santarém, os sítios arqueológicos Porto e Aldeia representam importantes referenciais para a arqueologia amazônica, destacando-se pela presença de terras pretas, cerâmicas ritualísticas, indústria lítica complexa e evidências de urbanização pré-colonial em antigas aldeias. Localizados em áreas contíguas na zona urbana central da cidade, ambos os sítios se situam às margens do encontro das águas, entre os rios Tapajós e Amazonas.

Pesquisas arqueológicas realizadas nos sítios Porto e Aldeia evidenciaram ocupações por sociedades complexas, caracterizadas por avançadas práticas de manejo e domesticação da paisagem. A cerâmica Tapajó pode ser compreendida como artefato técnico cosmológico, carregado de significados simbólicos que mediam as relações entre humanos, espiritualidade e o cosmos Tapajó. Os estudos de Alves (2012a, 2012b, 2015b, 2016, 2017), Gomes (2011, 2012, 2017, 2021, 2022, 2025), Jesus (2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a), Quinn (2004), Roosevelt (2007, 2009a, 2009b) e Schaan (2012a, 2014, 2015, 2016) confirmaram que a cerâmica Tapajó apresenta alta complexidade morfológica, riqueza iconográfica e forte presença em contextos domésticos, rituais e funerários. A partir de datações obtidas em contextos arqueológicos da Cultura Tapajó, nos sítios Porto e Aldeia, é possível delinear ocupações entre 1.000 e 1.700 d.C., com picos de densidade populacional durante o período Pré-Colonial Tardio (Alves, 2012a, 2015b, 2016, 2017), Jesus (2018, 2021, 2022a), Gomes (2008, 2010, 2011), Quinn (2004), Roosevelt (2007, 2009a) e Schaan (2014, 2015, 2016).

As evidências arqueológicas obtidas nos sítios Porto e Aldeia indicam que os povos indígenas Tapajó desenvolveram sistemas sociais complexos, refletidos na produção de cerâmicas sagradas e em rituais de grande sofisticação, que desempenhavam papel central nos contextos funerários, cerimoniais e cotidianos destas comunidades. Os artefatos cerâmicos

apresentam grande variedade de formas e estilos de produção, incluindo urnas funerárias, vasos de gargalo e cariátides, vasos globulares, além de esculturas antropomorfas e zoomorfas, evidenciando a pluralidade cultural de povos indígenas ceramistas que coexistiram ao longo dos milênios nos sítios Porto e Aldeia, com práticas econômicas diversificadas baseadas na agricultura, na caça e pesca, no comércio fluvial e produção artesanal, especialmente de vasos de cerâmica (Alves, 2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2021; Gomes, 1997, 1999, 2001, 2002, 2005, 2006, 2009, 2010, 2011, 2012, 2017, 2021, 2022, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019; Quinn, 2004; Roosevelt, 1995, 1998, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013; Roosevelt *et al.*, 1991; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Silva, 2016; Troufflard, 2016a, 2016b, 2017, 2021) (fig. 1).

Figura 1: Mapa de delimitação dos Sítios Porto e Aldeia, Santarém/PA.



A riqueza iconográfica da cultura material Tapajó revela um profundo conhecimento simbólico, relacionado ao universo cosmológico e espiritual desses grupos étnicos (Gomes, 2011, 2012; Guapindaia, 1993, 1999, 2010; Jesus, 2018, 2022a; Quinn, 2004; Roosevelt, 2002, 2007; Schaan; Lima, 2012; Symanski; Gomes, 2012, 2014). Estes artefatos estão frequentemente associados a contextos funerários e cerimoniais, evidenciando a centralidade das ancestralidades indígenas e das hierarquias sociais nestas estruturas políticas (Alves, 2012a, 2015b; Jesus, 2018, 2019; Schaan, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c). A cultura material Tapajó integra um sistema simbólico complexo, marcado por avançada especialização artesanal e organização sociopolítica, no qual objetos de função ritualística apresentam elaborada gramática visual que articula elementos zoomorfos, antropomorfos e cosmoecológicos, em contextos pré-coloniais e de transformação histórica (Gomes; Luiz, 2013; Jesus, 2018, 2021; Lima, 2016, 2017, 2024; Muniz; Gomes, 2017; Troufflard, 2017).

Esses elementos da domesticação da paisagem comprovam que a sociedade Tapajó mantinha redes de interação complexas, sustentadas por saberes técnicos e simbólicos que dialogam com distintas culturas amazônicas (Gomes, 2017, 2021; Gomes *et al.*, 2023; Jácome *et al.*, 2020; Jácome, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2022a, 2023; Lima, 2016, 2017, 2024a; Muniz, 2017, 2019; Rapp Py-Daniel *et al.*, 2017, 2023; Schaan, 2016; Troufflard, 2021). Diversos estudos têm explorado esses aspectos sobre as dinâmicas socioculturais e a relevância desses artefatos na constituição histórica e identitária destas populações indígenas (Alves, 2017; Gomes, 2022; Gomes *et al.*, 2023; Jácome, 2025; Jesus 2018; Schaan, 2015).

No Sítio Porto, além do expressivo conjunto cerâmico (Alves, 2012a; Jesus, 2018; Schaan, 2015), foram identificados centenas de instrumentos líticos e microlíticos de alta complexidade tecnológica, incluindo pequenos núcleos de lascamento, lâminas, raspadores,

machados, lascas retocadas e peças multifuncionais. Esses materiais evidenciam cadeias operatórias complexas e um domínio técnico apurado destes grupos pré-coloniais sobre a manufatura da indústria lítica (Araujo da Silva, 2011, 2012, 2013, 2015a, 2016; Gomes; Luiz, 2013; Gomes, 2017, 2021; Jesus, 2018; Lima, 2017; Moraes *et al.*, 2014). Esses contextos informam sobre a diversidade artefactual e conhecimento das técnicas de seleção, produção, modificação e utilização de matérias-primas, inserindo a tradição lítica local em um panorama mais amplo de especialização tecnológica pré-colonial (Alves, 2012, 2015b, 2017; Schaan, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c; Gomes *et al.*, 2023; Jesus, 2018, 2021; Lima *et al.*, 2020). Os registros revelam a funcionalidade dos instrumentos líticos e sua integração às dinâmicas sociais, cotidianas e econômicas das comunidades indígenas, ao evidenciarem redes de intercâmbio, transmissão de saberes e adaptação às especificidades ecológicas (Araujo da Silva; Schaan, 2021; Gomes, 2025; Gomes; Luiz, 2013; Lima, 2018, 2024b; Roosevelt *et al.*, 2009; Schaan, 2014; Silva; Araujo da Silva, 2022).

A estratigrafia dos sítios Porto e Aldeia evidência expressiva diversidade artefactual, refletindo ocupações sucessivas e práticas culturais em constante transformação ao longo de milênios (Alves, 2012a; Gomes, 2011, 2017; Guapindaia, 1993; Jesus, 2018; Schaan, 2012b, 2015). As camadas arqueológicas revelam complexa sobreposição de temporalidades no período colonial, em que coexistem artefatos de diferentes origens e cronologias (Alves, 2014, 2015b; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Symanski; Gomes, 2012, 2014). Foram identificadas camadas contendo cerâmicas coloniais e vestígios históricos como fragmentos de telhas, pregos, vidro, plásticos, metais (ferro) e elementos construtivos (concreto), misturados aos solos antropogênicos de terras pretas, além de vasos de cerâmica indígena, ferramentas líticas e restos de lascamento (Alves, 2015; Andrade *et al.*, 2023; Jesus, 2018, 2019, 2022a;

Muniz, 2017, 2019; Muniz; Pereira, 2017; Schaan; Alves, 2015a). Essa sobreposição de evidências materiais indica a continuidade de ocupação e uso dos sítios ao longo dos séculos coloniais, envolvendo processos de ressignificação cultural, apropriação de espaços e reutilização de contextos arqueológicos (Araujo da Silva, 2015b; Bessen, 2023; Costa, 2015; Muniz, 2022; Muniz; Gomes, 2017; Silva, 2016; Schaan, 2015b). A presença simultânea de vestígios indígenas e coloniais em uma mesma unidade estratigráfica resulta de dinâmicas deposicionais complexas, evidenciando a interação entre povos indígenas, grupos colonizadores e transformações sociais e culturais ao longo do tempo (Gomes, 2021, 2025).

A domesticação das paisagens nos sítios Porto e Aldeia apresenta processos de manejo ambiental e territorialidade, com evidências arqueológicas que indicam profundas mudanças, com a formação de dezenas de hectares de terras pretas e estratégias de ocupação territorial e sustentabilidade ecológica, articuladas ao uso de recursos florestais e aquáticos (Alves, 2012a, 2016; Gomes, 2017, 2021, 2022; Jesus, 2018, 2022a; Neves, 2004; Roosevelt, 1999a, 2002, 2007; Schaan, 2015, 2016; Schaan; Lima, 2012; Stenborg, 2016a, 2016b; Stenborg *et al.*, 2014; Troufflard, 2016a, 2017; Troufflard; Alves, 2019). A formação intencional das terras pretas, combinada com o cultivo policultural, aponta para práticas agrícolas pré-coloniais tecnicamente elaboradas, enraizadas em conhecimentos ecológicos tradicionais e sistemas agroflorestais complexos (Alves, 2012a, 2017; Araujo da Silva, 2015a, 2016; Figueiredo, 2016, 2018; Gomes *et al.*, 2018; Jesus, 2018; Quinn, 2004; Troufflard, 2021).

Foram identificadas construções de estruturas domésticas, rituais e cerimoniais, organizadas em padrões urbanos densamente estruturados, com funções sociais específicas, o que indica a existência de uma sociedade hierarquizada e territorialmente organizada (Alves, 2012a, 2017; Gomes, 2022, 2025; Jesus, 2018, 2022a; Martins *et al.*, 2010; Martins, 2012a,

2012b, 2012c; Jácome, 2017, 2020, 2025; Schaan; Alves, 2015a, 2015c; Stenborg *et al.*, 2012, 2014, 2018). Esses elementos da domesticação da paisagem comprovam que a sociedade regional Tapajó mantinha redes de interação complexas, sustentadas por saberes técnicos e simbólicos que dialogavam com outras culturas amazônicas, evidenciando processos de intercâmbio, transformação histórica e resiliência sociocultural indígena (Alves, 2012a, 2016, 2017; Araujo da Silva; Schaan, 2021; Gomes, 2022, 2025; Jácome, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Schaan, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c).

As terras pretas constituem um dos mais impressionantes legados antropogênicos dos povos indígenas da Amazônia (Rebellato, 2007, 2010, 2011, 2020; Rebellato; Woods, 2012; Rebellato *et al.*, 2009). Caracterizados pela presença significativa de resíduos e matéria orgânica, fragmentos de cerâmica, restos líticos, carvão, excrementos e evidências de adubação sistemática, apresentam propriedades físico-químicas férteis e alta capacidade de retenção de nutrientes, pH mais elevado e maior capacidade de troca catiônica, que lhes confere uma fertilidade persistente, resistente à lixiviação intensa dos solos tropicais (Balée, 2008; Costa *et al.*, 2009; Kern *et al.*, 2009; Kämpf *et al.*, 2009; Rabelo, 2015; WinklerPrins, 1999a, 1999b, 2002a, 2002b, 2006, 2009, 2017; Woods; Denevan, 2009; Woods *et al.*, 2009). Estudos geoquímicos demonstram que essas formações são resultado de práticas habitacionais, agronômicas, manejo e adubação orgânica, refletindo um conhecimento profundo e sistemático sobre cultivos agroflorestais complexos, que promoveram o enriquecimento e a sustentabilidade do solo ao longo de milênios (Balée, 2010; Costa *et al.*, 2013; Denevan, 2009; Woods, 2004; Woods; McCann, 1999). As terras pretas relacionam-se a grandes assentamentos, como os sítios Porto e Aldeia, onde tecnologias cerâmicas e líticas revelam organização social complexa e intensa produção (McCann, 2002; Smith, 1980).

Nesses contextos, de produção de utensílios e artefatos, há evidências de intervenções no ambiente, resultando na domesticação da paisagem, através de práticas de terraplanagem e manejo hídrico, que transformaram o relevo natural para otimizar o uso agrícola e habitacional (Costa *et al.*, 2009; Denevan, 2009; WinklerPrins; Falcão, 2010; Woods, 2003). Essas intervenções estruturais, articuladas à criação e manutenção das terras pretas, revelam uma dinâmica cultural e ecológica de alta complexidade, em que a gestão sustentável do solo permitiu o florescimento de comunidades sedentárias numerosas, sustentadas por uma agricultura diversificada baseada em sistemas agroflorestais expandidos e integrados ao ambiente amazônico (Albuquerque, 2017; Kämpf *et al.*, 2010; McCann *et al.*, 2001; Woods; Denevan, 2009; Woods *et al.*, 2000). As terras pretas são como marcadores arqueológicos da engenharia ambiental indígena, demonstrando a capacidade desses povos de transformar ecossistemas tropicais em paisagens altamente produtivas, sem comprometer a biodiversidade e com papel crucial na manutenção da biodiversidade e na estruturação da vegetação local, promovendo sua conservação e ampliação (Costa *et al.*, 2009; Kern *et al.*, 2010; Sombroek, 1966; WinklerPrins; Oliveira, 2010).

Os sítios de terras pretas revelam outras dimensões fundamentais da vida cotidiana e das relações entre humanos e ambiente, como práticas cotidianas de habitação, produção de alimentos e manejo dos recursos naturais que articulavam conhecimentos ecológicos, sociais e simbólicos (Prestes-Carneiro, 2013, 2017; Prestes-Carneiro *et al.*, 2016, 2018, 2019, 2020a, 2020b, 2021a, 2021b). A análise de restos faunísticos e vestígios botânicos permite compreender como os sistemas de subsistência operavam, suas formas de conhecimento, identidade e a conexão entre diferentes grupos ao longo das bacias hidrográficas (Alves, 2016, 2017; Borges; Prestes-Carneiro, 2020; Prestes-Carneiro, 2013, 2017; Prestes-Carneiro; Béarez,

2017; Prestes-Carneiro *et al.*, 2016, 2018, 2019, 2020a, 2020b, 2021a, 2021b; Ramos de Sá *et al.*, 2015; Silva, A. 2022; Silva, E. 2022; Silva, F. 2011; Silva *et al.*, 2020, 2021). A zooarqueologia e os estudos sobre a relação entre sociedades pré-coloniaias, uso de fauna, cultivos agrícolas e artefatos, oferecem importante ampliação do debate sobre os modos de vida indígenas ao evidenciar as estratégias de subsistência baseadas na pesca, na caça e no manejo de cultivos em sítios como Hatahara (Amazonas), Monte Castelo (Rondônia) e Loma Salvatierra (Bolívia) (Prestes-Carneiro, 2013, 2017; Prestes-Carneiro *et al.*, 2016, 2018, 2019, 2020a, 2020b, 2021a, 2021b). Os registros faunísticos de alimentação, sejam restos de peixes, mamíferos caçados e consumidos, aliados às evidências botânicas de cultivos de plantas, raízes comestíveis, frutas e grãos, como milho, mandioca, cará, castanhas e arroz, revelam um modelo de subsistência diversificado, interdependente e profundamente enraizado na floresta manejada (Alves, 2016, 2017, Prestes-Carneiro, 2013, 2017).

Os sítios arqueológicos do baixo Tapajós configuram um padrão de assentamentos em que os Tapajó constituíam suas comunidades como um mosaico de tradições tecnológicas, práticas sociais e visões de mundo (Alves, 2012a, 2017; Gomes, 2005, 2008; Jácome, 2011, 2017; Jesus, 2018, 2022a; Schaan, 2004, 2015). A valorização desses contextos, por meio de pesquisas arqueológicas, é fundamental para a reconstrução da história indígena regional, especialmente ao evidenciar as práticas socioterritoriais e os sistemas simbólicos indígenas que estruturaram esses assentamentos ao longo dos séculos (Jácome, 2020; Jesus Tupinambá, 2023; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025; Jesus; Rebellato, 2019; Rocha, 2012, 2017, 2020a). Estas paisagens foram profundamente modificadas ao longo do tempo, sobretudo pela expansão urbana desordenada nas últimas décadas, o que resultou na diminuição da quantidade, visibilidade e integridade dos depósitos originais, especialmente os solos antrópicos e as

estruturas associadas às ocupações indígenas pré-coloniais (Barata, 1944, 1950, 1951, 1953a, 1953b, 1954; Corrêa, 1965; Nimuendaju, 1949, 1952; Palmatary, 1939).

Esses estudos de arqueologia amazônica são sustentados por um histórico robusto de pesquisas que, desde meados do século XX envolvem instituições brasileiras e internacionais, consolidando a ocupação humana da Amazônia como uma das questões de pesquisa mais estudadas nas Américas (Arcuri, 2007; Carneiro; Schaan, 2007; Honorato, 2021; Honorato; Rocha, 2024; Jácome, 2011, 2017; Jesus, 2022a; Lathrap, 1968, 1970, 1971, 1973, 1974, 1977; Macdonald, 1972; Moraes–Ewejimi, 2008, 2010, 2012, 2021; Moraes–Ewejimi; Bezerra, 2012; Moraes–Ewejimi; Luz, 2024; Moraes–Ewejimi *et al.*, 2022; Meggers; Evans, 1957, 1961; Neves, 1998b, 2006, 2015; Neves *et al.*, 2014; Nimuendaju, 2004; Palmatary, 1960; Pinto, E. 2023; Pinto, R. 2023; Pinto *et al.*, 2024; Rapp Py-Daniel, 2014; Rocha, 2012, 2017; Roosevelt, 1999a, 2002, 2007; Roosevelt *et al.*, 1991, 1996; Schaan, 2008, 2012b, 2016; Silva, 2018; Silveira; Schaan, 2005). Estas perspectivas integram um campo de conhecimento no qual os sítios do baixo Tapajós se destacam como laboratórios para o estudo da longa duração das ocupações indígenas (Moraes, 2019, 2023; Neves, 1998b, 2022; Pereira; Moraes, 2019; Roosevelt, 2002, 2007, 2013; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Troufflard, 2016b, 2017).

A pesquisa arqueológica na região de Santarém remonta ao século XIX, com as escavações pioneiras conduzidas por Charles Hartt, então vinculado ao Museu Nacional e à Comissão Geológica do Império do Brasil. Hartt (1885) já identificava a presença de cerâmicas complexas e de solos de terras pretas em Santarém, chamando a atenção para a sofisticação material das culturas indígenas amazônicas. A partir da segunda metade do século XX, os estudos arqueológicos em Santarém ganharam maior sistematização com o desenvolvimento do Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas (PRONAPA), coordenado por Betty J.

Meggens e Clifford Evans (1961), e sua ramificação regional no baixo Amazonas, conhecida como PRONAPABA. As escavações arqueológicas realizadas nas décadas de 1940 e 1950, na região da foz do rio Tapajós, contribuíram significativamente para o estabelecimento dos primeiros marcos teóricos e metodológicos da arqueologia amazônica, notadamente sob a perspectiva da ecologia cultural (Meggens, 1948, 1954; Meggers; Evans, 1957, 1961; Steward, 1948). Esses estudos trataram dos limites ambientais da floresta tropical e seus impactos sobre o desenvolvimento sociocultural das populações pré-coloniais. A partir de modelos deterministas, a Amazônia foi interpretada como um ambiente restritivo à complexidade social, hipótese que durante décadas orientou as leituras sobre o passado indígena na região.

Nessa perspectiva, a Amazônia foi caracterizada como um ambiente hostil ao desenvolvimento de sociedades complexas, o que levou à formulação da famosa tese da "ilusão de um paraíso" (Meggens, 1987, 1990, 1991, 1995, 1998, 2001, 2006), a interpretação segundo a qual os recursos naturais limitados da floresta tropical teriam imposto barreiras significativas ao crescimento populacional e à complexidade sociopolítica das populações indígenas pré-coloniais, foi por muito tempo um paradigma dominante na arqueologia amazônica. Essa visão, embora tenha exercido influência significativa durante décadas nos estudos arqueológicos, passou a ser revisada a partir de novas descobertas, cronologias de ocupação e abordagens interdisciplinares mais sensíveis à complexidade sociocultural da região do baixo Tapajós. As novas interpretações na arqueologia amazônica revelam que os grupos indígenas pré-coloniais do região do baixo Tapajós e baixo Amazonas desenvolveram estratégias sofisticadas de manejo territorial, domesticação de paisagens e complexidade da organização sociopolítica (Alves, 2012a, 2014, 2015b, 2016, 2017, 2021; Gomes, 2009, 2011, 2012, 2013, 2017, 2021, 2022, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Meggers, 1990, 1991, 1998, 2001, 2006;

Roosevelt, 1995, 1999a, 2000, 2002, 2007, 2009a; Schaan, 2004, 2007, 2008, 2010, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c).

Megggers (1990, 1991, 1995, 1998 2001, 2006, 2011) manteve uma postura crítica em relação às interpretações mais recentes que propõem a existência de grandes e complexas sociedades pré-coloniais na Amazônia, como aquelas associadas às terras pretas e aos geoglifos. Meggers (1991, 1998, 2001) reiterou a tese de que a instabilidade ambiental, a sazonalidade e a baixa fertilidade natural dos solos amazônicos teriam restringido o florescimento de culturas duradouras e hierarquizadas. Mesmo diante de críticas, Meggers (2001) aprofundou suas análises ecológicas e biogeográficas, onde propõe modelos explicativos baseados em analogias biológicas para entender os padrões de ocupação e dispersão cultural. Meggers (2006) respondeu aos avanços da chamada "nova arqueologia amazônica", reafirmando a necessidade de se considerar os limites ecológicos impostos pela floresta tropical às formas de organização social. Apesar das controvérsias, a obra de Meggers (1991, 1995 1999, 2001, 2006) foi fundamental para consolidar a arqueologia como ciência na Amazônia, influenciando gerações de pesquisadores e estimulando debates que ainda permanecem centrais nos estudos sobre o passado indígena no continente americano.

Esses debates fundamentais para a consolidação da arqueologia amazônica enquanto campo de estudo foram posteriormente questionados e aprofundados por uma nova geração de pesquisa que evidenciou a complexidade social, a densidade demográfica e a diversidade cultural das populações pré-coloniais. Entre os trabalhos mais significativos nesses contextos, destacam-se os de Anna Roosevelt (1991, 1995, 1998, 1999a, 1999b, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013) a respeito da formação da cronologia da ocupação humana na Ilha de Marajó/PA onde propõe uma ocupação de povos caçadores-coletores, no período arcaico, entre 6.950 AP

e 2.950 AP (cal. 5.000 a.C. – 1.000 a.C.) (Roosevelt, 1991, 1995), que produziam e utilizavam ferramentas líticas e poucos utensílios de cerâmica, além de diversos recursos aquáticos e práticas rudimentares de horticultura, que derivaram nos primeiros indícios de ocupação humana, especialmente em áreas com terras pretas (Roosevelt, 1998, 1999a).

Após esse período de ocupação de grupos caçadores e coletores, Roosevelt (1991, 1992, 1998, 2002, 2007, 2009b, 2013) propôs uma cronologia de ocupação contínua na Ilha de Marajó, entre 2.950 AP e 350 AP (cal. 1.000 a.C. – 1.600 d.C.), dividida entre o período formativo, entre 2.950 AP e 1.550 AP (cal. 1.000 a.C. – 400 d.C.) (Roosevelt, 1999b, 2000), caracterizado pelo início da sedentarização, surgimento da cerâmica e domesticação de plantas amazônicas (como mandioca) e a produção de terras pretas indígenas, solo fértil criado por manejo humano para agricultura e áreas de habitação com cultivos agrícola, com a formação dos primeiros tesos (montes artificiais de terra) para lidar com inundações e como base para moradias e cemitérios (Roosevelt, 2007, 2009a); o período da Cultura Marajoara clássica, datada entre 1.550 AP e 550 AP (cal. 400 d.C.– 1.400 d.C.) (Alves, 2009, 2012a; Alves; Schaan, 2003; Roosevelt, 1995, 2007), e a fase pós-Marajoara, entre 650 AP e 350 AP (cal. 1.300 d.C. – 1.600 d.C.) (Schaan, 1997, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010).

No Sítio Caverna da Pedra Pintada, em Monte Alegre/PA, baixo Amazonas, Roosevelt (1995, 1998, 1999a, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2013) e colegas (Roosevelt *et al.*, 1996) propôs uma sequência cronológica com intervalos de ocupação identificados entre as camadas. A ocupação no Sítio Caverna da Pedra Pintada começa no período paleoindígena, com a Cultura Monte Alegre, entre 11.200 AP e 9.800 AP (cal. 9.250 a.C. – 7.850 a.C.) (Roosevelt, 1995; Roosevelt *et al.*, 1996), com ocupação humana da transição entre o final do Pleistoceno e o início do Holoceno, com evidência da ocupação humana mais antiga da Amazônia, com a

produção de pinturas rupestres, uso humano de fogo, práticas de caça e coleta de material botânico (Roosevelt, 1999a, 2000). A Cultura Monte Alegre foi dividida em quatro momentos de ocupação distintos: paleoíndio inicial, entre 11.145 ± 135 AP e 10.875 ± 295 AP (cal. 9.220 a.C. – 8.630 a.C.), paleoíndio antigo/primitivo, entre 10.500 AP e 10.200 AP (cal. 8.550 a.C. – 8.250 a.C.), paleoíndio médio, entre 10.200 AP e 10.100 AP (cal. 8.250 a.C. – 8.150 a.C.) e paleoíndio final, entre 10.100 AP e 9.800 AP (cal. 8.150 a.C. – 7.850 a.C.) (Roosevelt, 2002, 2007, 2009a, 2009b). Foram encontrados artefatos de pedra (líticos bifaciais, pontas de projéteis), além de pinturas rupestres com contextos de restos de ferramentas líticas, pigmentos e restos alimentares, associados às pinturas rupestres mais antigas da caverna, e relacionados a um modo de vida caçador, coletor e pescador (Roosevelt, 1999b, 2013).

Na fase de transição entre os períodos paleoindígena e arcaico, entre 8.500 AP e 7.000 AP, temos a continuidade da ocupação, com desenvolvimento de técnicas líticas e primeiros indícios de manejo ambiental (Roosevelt, 2000). No período arcaico, temos a ocupação do período da cerâmica da Cultura Paituna, entre 7.580 AP e 6.625 AP (cal. 5.630 a.C. – 4.675 a.C.) (Roosevelt, 2002), após a transição para o Holoceno, surgem as primeiras evidências de produção cerâmica, com ocupações mais frequentes e uso contínuo do abrigo/caverna por grupos de caçadores-coletores, evidenciado nas camadas com artefatos de pedra, restos de vegetais, carvão e registros arqueobotânicos de madeira carbonizada caracterizados pelo uso frequente de recursos locais de flora, fauna e de áreas de várzeas (Roosevelt, 2007, 2009a). Entre 6.000 AP e 4.000 AP (cal. 4.050 a.C. – 2.050 a.C.) temos o aumento da sedentarização e as primeiras evidências claras de cerâmicas manufaturadas, com a produção de cerâmicas simples e vasos com poucos ornamentos, e uma ocupação humana caracterizada pela coleta de recursos naturais e uso crescente de recursos aquáticos (Roosevelt, 2009b).

Entre 5.000 AP e 3.000 AP (cal. 3.050 a.C. – 1.050 a.C.), temos a fase de transição entre os períodos arcaico e formativo, marcada pelo desenvolvimento e diversificação da cerâmica, com novos estilos e decorações, e mesmo contextos cerâmicos associados a atividades como pesca, coleta de frutos e cultivo de plantas (Roosevelt, 2013). Durante o período formativo, o Sítio Caverna da Pedra Pintada é ocupado pela Cultura Aroxi, entre 3.630 AP e 3.230 AP (cal. 1.680 a.C. – 1.280 a.C) com maior diversificação cerâmica, com a presença de artefatos com decoração pintada, indícios de horticultura, e ocupações mais sedentárias, com a utilização intensiva de áreas específicas (Roosevelt, 2009a). Entre 3.000 AP e 1.000 AP (cal. 3.050 a.C. – 1.050 a.C.) (Roosevelt, 2007), temos a fase de transição entre os períodos formativo e dos Cacicados, com desenvolvimento cultural complexo e aumento das interações regionais, surgimento de cerâmicas sofisticadas, com decoração e formas elaboradas complexas, enquanto indicativo de sociedades com maior organização social e práticas agrícolas mais consolidadas, em um contexto de ocupação e uso intensivo do local (Roosevelt, 2009b, 2013). Durante o período do estilo cerâmico Inciso-Ponteadado, temos a Cultura Paríço, entre 675 AP e 430 AP (cal. 1.275 d.C. – 1.520 d.C.), com a cerâmica decorada associada à Tradição Incisa-Ponteadada e ocupações próximas ao contato europeu (Roosevelt, 1995; Roosevelt *et al.*, 1996), este cenário evidenciou a utilização continuada e intensiva do Sítio Caverna da Pedra Pintada (Roosevelt, 1999a, 2000).

Em relação à ocupação indígena na cidade de Santarém/PA, Roosevelt (1995, 1998, 1999a, 1999b, 2000, 2007, 2009a, 2009b, 2013) e colegas (Roosevelt *et al.*, 1991, 1996) estabelecem uma cronologia de ocupação que começa com o período paleoindígena Rhome, com ocupações de povos caçadores, coletores e pescadores no Sambaqui de Taperinha, entre 10.000 AP e 9.000 AP (cal. 8.050 a.C. – 7.050 a.C.) (Roosevelt, 1992, 1995), entre 9.000 AP

e 8.000 AP (cal. 7.050 a.C. – 6.050 a.C.), sendo este sítio arqueológico caracterizado pelo uso exaustivo de recursos faunísticos, vegetais e aquáticos (Roosevelt, 1998, 1999a). Após esta ocupação, durante o período paleoindígena, ocorreu a Cultura Ayaya, datada entre 9.000 AP e 8.000 AP (cal. 7.050 a.C. – 6.050 a.C.), este período é caracterizado pela produção e uso de ferramentas líticas toscamente lascadas, como pontas, raspadores e quebra-coquinhos, com aumento da especialização das atividades de caça, coleta e pesca, indicando uma transição entre modos de vida (Roosevelt, 1999b, 2000).

Entre 8.025 AP e 7.170 AP (cal. 6.075 a.C. – 5.220 a.C.), durante o período arcaico, marcado pelo uso intensivo de sambaquis e formação das terras pretas, ocorre a Cultura Taperinha, conhecida pelo início da manufatura cerâmica em Santarém/PA, com evidências de produção de cerâmica simples, com vasos hemisféricos, temperados com cascalho e conchas, associados aos indícios da alta especialização na produção técnica de ferramentas líticas, manejo das paisagens e uso das vasilhas cerâmicas para armazenamento e preparação de alimentos, possivelmente relacionados à pesca e coleta de mariscos (Roosevelt, 2002, 2007; Roosevelt *et al.*, 1991, 1996). No período Pós-Taperinha, entre 7.000 AP e 6.000 anos AP (cal. 5.050 a.C. – 4.050 a.C.), temos a diversificação cultural no Sambaqui de Taperinha como aperfeiçoamento das técnicas de produção de cerâmicas e ferramentas líticas, com introdução de novos estilos e formas, bem como a expansão das atividades de subsistência, incluindo práticas agrícolas e horticuloras, reflexos da crescente complexidade social e cultural das populações amazônicas (Roosevelt, 1998, 2002, 2007, 2009b; Roosevelt *et al.*, 1991, 1996).

Entre 6.000 AP e 5.000 AP (cal. 4.050 a.C. – 3.050 a.C.), na transição entre os períodos arcaico e formativo, temos evidências reconhecíveis de contextos de produção e uso de cultura material cerâmica no Sambaqui de Taperinha, confeccionadas com conchas e areia como

antiplásticos, com aprimoramento da indústria lítica milenar, marcando transição para modos de vida mais sedentários (Roosevelt, 2007). No período formativo, entre 5.000 AP e 3.000 AP (cal. 3.050 a.C. – 1.050 a.C.), temos o surgimento do período cerâmico Inciso-Ponteadado, um padrão cerâmico bem identificado na Amazônia, que aparece em sítios como Taperinha e outros da região, além da continuidade das indústrias líticas de lascamento, marcando desenvolvimento de esferas de redes regionais, culturais e sociais (Roosevelt, 1995, 1998). Entre 3.000 AP e 1.000 AP (cal. 1.050 a.C. – 950 d.C.), ocorre o período cerâmico Polícromo, com uma cerâmica policromada, colorida e decorada, com maior diversidade de formas e usos, influência cultural mais ampla, denotando ampla rede de interação com outras regiões amazônicas e formadoras de sociedades complexas (Roosevelt, 1999a, 2002, 2007, 2013; Roosevelt *et al.*, 1991, 1996).

No Sítio Porto, a cronologia defendida por Roosevelt (1998, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013) começa no período formativo, com a ocupação do período ceramista antigo, sendo uma cultura formativa agroflorestal, com material cerâmico decorado identificado como Cultura Aldeia, por Roosevelt, e denominado de período Pré-Tapajó por Alves, com datações entre 3.260 ± 30 AP e 3.060 ± 30 AP (cal. 1.610 a.C. – 1.210 a.C.) (Alves, 2012a) e 2.912 ± 56 AP e 2.270 ± 63 AP (cal. 1.020 a.C. – 250 a.C.) (Quinn, 2004), com uma cerâmica com decoração simples em linhas paralelas, impressão de linhas, linhas incisadas pouco profundas nas paredes de vasilhas globulares e lábios e bordas ponteados e digito-ungulados, além de lascas e vestígios líticos (Alves, 2012a, Quinn, 2004). Esse período de ocupação do Sítio Porto é marcado por indícios de remanescentes de roças e queimadas para abertura de áreas para o cultivo, identificadas a partir de pedaços grandes de carvões densos e pedaços de madeira carbonizada de árvores da floresta tropical (Alves, 2014, 2015b, 2016, 2017), encontradas a

dois metros de profundidade, além de terras pretas, frutos e sementes, ossos de pequenos mamíferos e de peixes (Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019), associados a um modo de vida parcialmente sedentário (Alves, 2012a, 2015b, 2017; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Roosevelt, 1998, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Alves, 2012a).

Durante o período de transição e intervalo entre o formativo e o período Tapajó pré-inicial, entre 2.270 AP e 1.250 AP (cal. 320 a.C. – 700 d.C.) ocorreram ocupações indígenas que manejaram florestas, solos e ambientes aquáticos, e que antecedem o florescimento da Cultura Tapajó, ainda com cerâmicas decoradas com outros estilos e padronizações (Roosevelt, 2007). Com relação ao período Tapajó, Roosevelt (2007) indica ocupações continuadas e mais estáveis, com datações para o período Tapajó inicial, entre 1.260 ± 30 AP e 960 ± 30 AP (cal. 690 d.C. – 735 d.C.; cal. 765 d.C. – 890 d.C.; e cal. 1.020 d.C. – 1.160 d.C.) (Alves, 2012a, 2015b, 2017), e camadas relacionadas ao período Tapajó Clássico, representadas pelas cerâmicas decoradas da Tradição Inciso-Ponteadas, datadas entre 960 ± 30 AP e 300 ± 30 AP (cal. 1.020 d.C. – 1.620 d.C.) (Alves, 2012a, 2015b, 2017), divididas em três períodos, o Tapajó Clássico Inicial, entre 950 AP e 750 AP (cal. 1.000 d.C. – 1.200 d.C.), o Período Tapajó Clássico, no qual está datado entre 750 AP e 550 AP (cal. 1.200 d.C. – 1.400 d.C.) e o Período Tapajó Tardio/Terminal, entre 550 AP e 330 AP (cal. 1.400 d.C. – 1.600 d.C.) (Alves, 2012a, 2014, 2015b, 2016, 2017; Araujo da Silva, 2012, 2015a, 2016; Araujo da Silva; Schaan, 2021; Gomes, 2017, 2022, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Roosevelt, 2007; Schaan, 2012a, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c).

Além disso, as cerâmicas da Cultura Tapajó estavam presentes em plataformas e estruturas habitacionais, evidenciando práticas residenciais e domésticas claramente

identificadas no registro arqueológico (Roosevelt, 2007; Alves, 2012a, 2015b; Schaan, 2012a, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c). Essas evidências indicam populações que combinavam a produção cerâmica com modos de vida complexos e diversificados. Esses modos de vida combinavam a produção cerâmica com uma subsistência baseada em atividades agrícolas complementares, como a coleta de recursos florestais e a pesca de fauna fluvial (Araujo da Silva, 2012, 2015a, 2016; Araujo da Silva; Schaan, 2021; Gomes, 2006a, 2006b, 2006c, 2011, 2012, 2017, 2021, 2025; Gomes; Luiz, 2013; Gomes *et al.*, 2018, 2023; Jesus, 2018, 2019, 2022a; Roosevelt, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013). Os achados arqueológicos também demonstram uma complexa organização social, na qual os espaços domésticos estavam relacionados a práticas rituais e econômicas interligadas, reforçando a importância da cerâmica não apenas como utensílio cotidiano, mas também como elemento simbólico dentro das redes de interação sociocultural e espiritual da sociedade Tapajó (Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Martins, 2012a, 2012b, 2012c; Martins *et al.*, 2010; Quinn, 2004; Roosevelt, 2007, 2009a, 2009b; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b; Silva, 2016; Silva; Araujo da Silva, 2021; Stenborg *et al.*; 2012, 2014, 2018; Troufflard, 2016a, 2016b, 2017, 2021; Troufflard; Alves, 2019).

Com base nas escavações arqueológicas realizadas na região do baixo Amazonas e baixo Tapajós, entre fins da década de 1980, e durante as décadas de 1990 e 2000, Roosevelt (2007, 2009a, 2009b) inaugurou uma nova fase interpretativa na arqueologia amazônica ao combinar métodos tradicionais de campo com tecnologias inovadoras, como a geofísica e o sensoriamento remoto (Roosevelt, 1991, 1995, 1998, 2002, 2007; Roosevelt *et al.*, 2012), marcando uma inflexão crítica na forma como se compreende a pré-história amazônica, ao argumentar que os sítios Porto e Aldeia foram ocupados por sociedades indígenas densamente

povoadas, urbanizadas e organizadas em torno de formas complexas de gestão ambiental e territorial. Essas conclusões questionaram a visão de Amazônia como um espaço ecologicamente limitante e culturalmente "primitivo", ainda predominante até o final do século XX (Roosevelt *et al.*, 1991, 1996; Roosevelt, 1995, 1998, 1999a, 2000, 2002, 2007, 2009a). Essas abordagens possibilitaram a identificação de complexas estruturas antrópicas, como montículos, valas, canais e lagos artificiais, que refletem uma profunda compreensão ecológica e manejo paisagístico sofisticado e prolongado por milênios (Roosevelt, 1991, 1995, 1998, 1999a, 2000, 2002, 2007, 2013).

Os dados obtidos nas pesquisas arqueológicas de Roosevelt (1987, 1991, 1992, 1995, 1998, 1999a, 1999b, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013) na Ilha de Marajó/PA, no Sítio Caverna da Pedra Pintada, no Sambaqui de Taperinha e no Sítio Porto, possibilitaram a identificação de complexas estruturas antrópicas, como montículos, valas, canais e lagos artificiais, sugerindo ocupações humanas que praticavam um manejo paisagístico sofisticado e prolongado por milênios, e refutam categoricamente a visão tradicional de que a floresta tropical amazônica impunha limitações ecológicas intransponíveis ao desenvolvimento social complexo das coletividades indígenas (Alves, 2012a, 2016, 2017, 2021; Gomes, 2009, 2011, 2017, 2021, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Meggers, 1993, 1995, 1998, 1999, 2001; Roosevelt, 1995, 1999a, 2000, 2002, 2007; Schaan, 2004, 2008, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b). Roosevelt (2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013) demonstrou que sociedade indígenas foram capazes de desenvolver assentamentos permanentes densamente povoados em áreas de várzeas e terras firmes, com infraestrutura e terraplanagem elaborada, com a presença de cerâmicas altamente sagradas e estilizadas, práticas rituais e cerimoniais estruturadas e indícios claros de estratificação sociopolítica (Roosevelt, 1992, 1995, 1999a,

2000, 2002, 2007, 2009b, 2013). A presença de estruturas monumentais e artefatos cerimoniais indica a emergência de sociedades complexas com chefaturas (chiefdoms/cacicados), como também a internalização de cosmologias ontológicas e a organização sociopolítica centralizada (Roosevelt, 1992, 1995, 1998, 1999a, 1999b, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013).

As evidências encontradas por Roosevelt (2007, 2009a), durante três décadas de pesquisa, consolidaram a noção de que o desenvolvimento de sociedades complexas em ambientes tropicais ocorreu de forma autônoma e contínua. A análise da cerâmica, arquitetura e sistemas de subsistência permite situá-las no centro de debates internacionais sobre a emergência de complexidade política. Estudos sobre os primeiros habitantes da floresta tropical, como os caçadores do Curuá, reforçam a antiguidade e a especificidade cultural da ocupação humana do baixo Tapajós, com evidências de uma ocupação em torno de 8.000 AP, em transição gradual entre modos de vida caçadores-coletores e estratégias agrícolas especializadas (Roosevelt, 2000, 2002, 2007; Roosevelt *et al.* 2002; Roosevelt *et al.*, 2009, 2012). Em suas análises comparativas sobre os contextos paleoindígenas e do período arcaico, Roosevelt (2007, 2009b, 2013) argumentou que a domesticação de plantas como a mandioca e o milho ocorreu de forma precoce e autônoma, sustentando padrões de subsistência resilientes ao longo de milênios. Roosevelt (2007, 2009b, 2013) destacou a relevância dos lagos de várzea na evolução humana amazônica, bem como a longa duração da ocupação humana contínua na planície alagável. A utilização integrada de métodos arqueobotânicos e datações por radiocarbono permitiu mapear assentamentos com continuidade ocupacional superior a 12.000 AP, sobretudo em zonas de várzea, onde os recursos aquáticos e as inundações periódicas eram manejadas através de práticas de conhecimento cosmoecológico (Roosevelt, 1998, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013; Roosevelt *et al.*, 1996).

No debate sobre datações de sítios paleoindígenas na Amazônia, Roosevelt (Roosevelt, 1998, 1999a, 1999b, 2000, 2002; Roosevelt *et al.*, 1996) evidenciou o papel de destaque dos primeiros ceramistas da floresta tropical em disputas epistemológicas mais amplas sobre a cronologia de ocupação das Américas, como no caso dos grupos ceramistas do Sambaqui de Taperinha (Roosevelt, 1992, 1995, 1998, 1999a, 1999b, 2000, 2002, 2007; Roosevelt *et al.*, 1991, 1996). O impacto epistemológico destas pesquisas transcende a arqueologia regional, inserindo a Amazônia nos debates internacionais sobre a emergência de complexidade política em ambientes tropicais. A crítica ao determinismo ecológico, recorrente nas interpretações clássicas da ocupação amazônica, enfatiza que os modelos de organização sociopolítica amazônicos não devem ser avaliados à luz de paradigmas exógenos, mas sim compreendidos a partir de suas próprias lógicas culturais e ambientais (Roosevelt, 1991, 1995, 1999a).

Esta crítica posicionou no centro das disputas acadêmicas sobre os cronogramas de povoamento das Américas, notadamente em sua resposta às controvérsias sobre sítios pré-Clóvis. A partir dessa base empírica e metodológica robusta, Roosevelt e colegas (1991, 1996) propõem que a Amazônia deve ser entendida não como periferia, mas como um centro dinâmico de inovação cultural e social, onde emergiram formas autônomas de monumentalidade, urbanismo e complexidade política (Roosevelt, 2007, 2009b, 2013). Ao reposicionar a floresta tropical como espaço fértil de experimentação tecnológica e transformação histórica, Roosevelt (1995, 1998, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b, 2013) estabelece uma virada teórica fundamental, contribuindo para a desconstrução do imaginário colonial que por muito tempo marginalizou a agência histórica dos povos indígenas amazônicos. Portanto, os estudos de Roosevelt (2007) representam uma virada teórica e metodológica essencial, ao reafirmar a Amazônia como um espaço historicamente ativo,

tecnologicamente inovador e socialmente complexo, cujas sociedades pré-coloniais devem ser compreendidas à luz de suas próprias lógicas culturais e ambientais.

A partir do final do século XX e ao longo do século XXI, diversos pesquisadores contribuíram significativamente para o desenvolvimento das pesquisas arqueológicas nos sítios Porto e Aldeia, situados na região do baixo Tapajós. Nesse contexto, os trabalhos arqueológicos de Denise Maria Cavalcante Gomes, Denise Pahl Schaan e Daiana Travassos Alves representam marcos fundamentais para a consolidação de uma abordagem mais integrada e interpretativa sobre as dinâmicas socioculturais amazônicas, com foco na análise das paisagens, artefatos cerâmicos e organização espacial das antigas aldeias dos sítios Porto e Aldeia.

Gomes (1997, 1999, 2001, 2002, 2005, 2006a, 2006b, 2006c, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2017, 2020, 2021, 2022, 2025) tem contribuído com pesquisas inovadoras sobre a formação das paisagens antrópicas na área do Sítio Aldeia, com especial ênfase na cronologia de ocupação, análise dos significados simbólicos da cerâmica Tapajó e formas de organização espacial análogas a padrões urbanos, presente nos sítios arqueológicos da Cultura Tapajó. De acordo com Gomes (2001, 2006a, 2006b, 2009, 2010, 2011, 2017, 2021, 2025) a cronologia de ocupação pré-colonial no Sítio Aldeia inicia-se no período formativo, com pequenas habitações de comunidades indígenas, a partir de 3.020 ± 40 AP (cal. 1.380 a.C. – 1.120 a.C.), 2.370 ± 60 AP (cal. 750 a.C. – 690 a.C.) e 1.800 ± 40 AP (cal. 120 d.C. – 330 d.C.) com ocupações contínuas evidenciadas pela formação de extensos depósitos de terras pretas indígenas, com ocupações formativas mais antigas e cerâmicas simples classificadas Tradição Pocó (Gomes, 2011). A cerâmica Hachurada-Zonada, por volta de 2.040 ± 40 AP (cal. 170 a.C. – 50 d.C.) foi encontrada em menor quantidade, porém em momentos de ocupação caracterizados pela alta densidade cerâmica de outros estilos (Gomes, 2009, 2010, 2011).

De acordo com Gomes (2001, 2005, 2006a, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012, 2017, 2021, 2025), o período Tapajó no Sítio Aldeia apresenta uma cronologia de ocupação contínua, entre 950 AP e 300 AP, subdividida em três períodos. No Sítio Aldeia, o período Tapajó inicial, entre 950 AP e 750 AP (cal. 1.000 d.C. – 1.200 d.C.) é constituído de evidências de áreas extensas de terras pretas em formação, com presença de cerâmicas com técnicas intermediárias entre a tradição formativa anterior (como a Tradição Pocó) e o início de introdução de elementos e motivos decorativos incisos, ponteados e modelados referentes a cerâmica Tapajó. O período Tapajó Clássico, no Sítio Aldeia, está datado entre 750 AP e 450 AP (cal. 1.200 d.C. – 1.500 d.C.), sendo caracterizado pela expansão das áreas de terras pretas, devido à intensa atividade humana e período de maior densidade e complexidade da ocupação indígena no Sítio Aldeia, havendo a intensa produção de cerâmicas elaboradas e grande densidade cerâmica da Cultura Tapajó, com artefatos sagrados e sofisticados, depositados inteiros, como urnas funerárias, estatuetas, vasos com aplique, decoração com engobos, incisão fina e grafismos complexos.

Durante o período Tapajó Terminal, entre 500 AP e 300 AP (cal. 1.450 d.C. – 1.650 d.C.), ocorre a continuidade da produção da cerâmica da Cultura Tapajó, mas com indícios de mudanças nos estilos e técnicas (Alves, 2012a, 2014, 2015b, 2016, 2017; Gomes, 2006a, 2006b, 2006c, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2017). Surgem algumas cerâmicas com elementos decorativos, possivelmente, influenciados por contato interétnico entre os Cacicados da região do baixo Tapajós, baixo Amazonas e rio Trombetas (Gomes, 2021, 2025; Gomes; Luiz, 2013; Gomes *et al.*, 2018, 2023), além do contato com missionários jesuítas, a partir do final do século XVI (Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019). Esse período marca o início de alterações na dinâmica de ocupação, com a cerâmica tardia com profundas mudanças estilísticas e de modo de produção (Roosevelt, 2007, 2009a, 2009b;

Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c). Estratigraficamente esta camada pode ser encontrada acima dos depósitos do Período Tapajó Clássico e em sobreposição parcial com os primeiros vestígios históricos (como louças e metal) (Alves, 2015b; Gomes *et al.*, 2023). A partir de escavações arqueológicas, análises contextuais e na comparação do material cerâmico das ocupações humanas nos Sítios Porto e Aldeia fica reforçada a concepção de uma Amazônia pré-colonial densamente povoada por sociedades indígenas, culturalmente sofisticada e historicamente dinâmica, marcada por redes de sociabilidade complexas, práticas cerimoniais e formas organizadas de ocupação territorial nos diferentes ambientes (Alves, 2012a, 2015b, 2017; Gomes, 2011, 2012, 2013, 2017, 2021, 2025; Gomes; Luiz, 2013; Gomes *et al.*, 2018, 2023; Jesus, 2018, 2022a; Schaan, 2012a, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a).

A identificação de estruturas específicas, como bolsões arqueológicos, escavações intencionais associadas a rituais ou descarte cerimonial, bem como a presença de áreas multifuncionais e bairros articulados em torno de grandes aldeias nos sítios Porto e Aldeia, tem sido possível graças à continuidade das pesquisas de Gomes (2011, 2012, 2017, 2022, 2025). Esses achados arqueológicos indicam uma ocupação densa e planejada, com complexidade social e espacial nas formas de habitação indígena, ao longo de sua trajetória, Gomes (1999, 2001, 2002, 2005, 2008, 2009, 2011, 2012, 2017, 2022, 2025) destacou a importância da compreensão da arte cerâmica tapajônica como elemento central para entender as dinâmicas culturais Tapajó (Gomes, 1997, 1999, 2001, 2002, 2006a, 2006c, 2010) e de como esses objetos ultrapassam o uso utilitário, funcionando como dispositivos de mediação entre mundos, expressões de identidade coletiva e registros materiais de práticas rituais e políticas (Gomes, 2009, 2011, 2017, 2022, 2025; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019;

Muniz, 2017; 2019, 2021; Muniz; Gomes, 2017; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Symanski; Gomes, 2012, 2014). Gomes (2001, 2006a, 2006b, 2006c, 2007, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2013, 2017, 2022, 2025) abordou as dinâmicas de organização política e do cotidiano nas aldeias pré-coloniais, revelando uma teia de relações sociais complexas, pautadas por hierarquias, especializações e territorialidades. No Sítio Porto, a incorporação de novas tecnologias de pesquisa e métodos inovadores, como o GPR (*Ground Penetrating Radar*), permitiu a identificação de contextos domésticos e padrões de assentamento urbano, ampliando o conhecimento sobre a infraestrutura de antigas aldeias e a constituição antropogênica de sítios arqueológicos de terras pretas (Gomes, 2012, 2017, 2021, 2022, 2025; Gomes; Luiz, 2013; Gomes *et al.*, 2018, 2023).

As pesquisas arqueológicas de Gomes (2006a, 2007, 2009, 2010, 2011, 2012, 2017, 2021, 2022, 2025) destacam o papel desses assentamentos enquanto centros de poder regional conectados, com significativa densidade populacional e paisagens manipuladas culturalmente ao longo de séculos (Gomes, 2017, 2022, 2025; Gomes; Luiz, 2013; Gomes *et al.*, 2018, 2023). Esses avanços analíticos e metodológicos ampliam o entendimento sobre os processos formativos e da complexidade social das sociedades amazônicas pré-coloniais, afastando visões que as classificavam como culturalmente simples ou efêmeras. Desde seus primeiros estudos, Gomes (1997, 1999, 2001, 2002, 2006a, 2010, 2011) chamou atenção para a riqueza e diversidade da cerâmica Tapajó, argumentando que seu simbolismo e suas variações formais apontavam para uma tradição cultural longa e complexa.

Gomes (2006a, 2006b, 2008, 2009, 2010, 2011, 2012, 2017, 2022, 2025) propôs interpretações sobre os usos sociais e cosmológicos da cerâmica Tapajó, revelando um universo simbólico sofisticado. Ao integrar análises estilísticas, funcionais e contextuais, construiu uma

abordagem que conecta artefatos materiais às dinâmicas sociais amplas, contribuindo para o reconhecimento da cerâmica Tapajó como expressão de identidade, memória e poder nas sociedades indígenas do baixo Tapajós. Em análise sobre a trajetória da arqueologia no Museu Nacional, Gomes (2020) desempenha um papel importante na construção crítica da historiografia arqueológica da Amazônia, ao evidenciar as tensões entre diferentes narrativas científicas, institucionais e políticas, e de como a pesquisa arqueológica foi historicamente moldada por interesses diversos e por lacunas epistemológicas. Gomes (2020) aborda as lacunas epistemológicas que atravessam o saber arqueológico, denunciando a ausência de uma perspectiva decolonial sobre os processos históricos e materiais investigados.

Essa postura reflexiva se estende a seus trabalhos mais recentes, como em *A Arte do Sonho* (2021), onde propõe uma arqueologia atenta às dimensões sensoriais, afetivas e simbólicas da cultura material, ao considerar a arte cerâmica Tapajó como um meio performativo de transformação social e subjetiva (Gomes, 2022), ampliando as fronteiras metodológicas e conceituais da arqueologia amazônica, reafirmando a centralidade das populações indígenas enquanto agentes históricos de inovação cultural e política. Gomes (2009, 2010, 2011, 2012, 2017, 2022, 2025) desloca o foco tradicional das análises centradas unicamente na funcionalidade dos artefatos, para considerar também os modos de existência que se manifestam por meio da memória, da experiência urbana e da sensorialidade dos vestígios materiais. A cidade de Santarém, enquanto território marcado por camadas de ocupação indígena, colonial e contemporânea, é abordada como um espaço onde os sonhos e as práticas cotidianas se entrelaçam com os vestígios arqueológicos (Gomes, 2006a, 2006b, 2007, 2011, 2012, 2017, 2021). Nesse contexto, os artefatos são objetos de estudo que operam sentidos e afetam corpos, configurando paisagens e memórias, reposicionando as populações

indígenas como agentes históricos e políticos, produtores de conhecimento, estética e inovação cultural, em uma arqueologia comprometida com a valorização das epistemologias ameríndias e com a reescrita das narrativas históricas sobre os sítios Porto e Aldeia e sobre a Amazônia.

Denise Schaan (1997, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010), cujos estudos arqueológicos sobre as cerâmicas da Cultura Marajoara da Ilha do Marajó/PA, datadas entre 1550 AP e 550 AP (cal. 400 d.C. – 1400 d.C.) (Alves, 2009, 2012a; Alves; Schaan, 2011; Roosevelt, 1991, 1995, 1998, 1999a, 2000, 2002, 2007, 2009a, 2009b; Schaan, 1997, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010; Silveira; Schaan, 2005), estudos de grupos ceramistas, caçadores, pescadores e agricultores sedentários Pré-Tapajó, no Sítio Porto, em Santarém/PA, com datações entre 3.260 ± 30 AP e 3.060 ± 30 AP (cal. 1.610 a.C. – 1.210 a.C.) (Alves, 2012a) e 2.912 ± 56 AP e 2.270 ± 63 AP (cal. 1.020 a.C. – 250 a.C.) (Quinn, 2004), e pesquisas com as cerâmicas da Cultura Tapajó do Sítio Porto, com datações radiocarbônicas a partir de 1.260 ± 30 AP e 960 ± 30 AP (cal. 690 d.C. – 735 d.C.; cal. 765 d.C. – 890 d.C.; e cal. 1.020 d.C. – 1.160 d.C.) e entre 960 ± 30 AP e 300 ± 30 AP (cal. 1.020 d.C. – 1.620 d.C.), que está dividida em três períodos, o Tapajó Clássico Inicial, entre 950 AP e 750 AP (cal. 1.000 d.C. – 1.200 d.C.), marcado pelas evidências de cerâmicas com traços formativos de uma ocupação em expansão, diagnósticas da transição entre o período formativo e o período Tapajó Clássico (Alves, 2012a, 2012b, 2014; Jesus, 2018, 2019; Moraes–Ewejimi; Bezerra, 2012; Quinn, 2004; Roosevelt, 2007). O período Tapajó Clássico, datado entre 750 AP e 550 AP (cal. 1.200 d.C. – 1.400 d.C.), considerado um grande e complexo apogeu cultural, com produção intensa de urnas funerárias, estatuetas e decoração cerâmica com grafismos complexos, em um assentamento denso, como solo antropizado e presença de fortes relações sociais em contextos domésticos (Alves, 2015a, 2015b, 2016; Jesus, 2020a, 2021; Roosevelt, 2009a; Schaan, 2012a,

2014, 2015; Schaan; Alves, 2015a, 2015c; Silva, 2016). E o Período Tapajó Tardio/Terminal, entre 550 e 330 AP (cal. 1.400 d.C. – 1.600 d.C.), com mudanças estilísticas na cerâmica devido ao contato interétnico e indícios de redução de áreas ocupadas ou reorganização do espaço (Alves, 2017, 2021, 2022; Jesus, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019; Roosevelt, 2009b; Schaan, 2012b, 2016; Schaan; Alves, 2015b, 2015c). Ambos períodos de ocupação indígena representam importante avanço na compreensão da complexidade das sociedades indígenas pré-coloniais da Amazônia, e de como estas sociedades pré-coloniais produziram cultura material cerâmica altamente sagrada e sofisticada, inserida em contextos rituais, simbólicos, funerários, cerimoniais e sociais complexos.

A partir de escavações no Sítio Porto, Schaan (Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c) identificou padrões complexos de habitação indígena com distribuição espacial e regional, estruturas domésticas e depósitos cerimoniais, que apontam para formas urbanizadas de assentamento e relações sociais hierarquizadas. Essas evidências reforçam a presença de centros políticos e religiosos em Santarém e na área do baixo Tapajós (Alves, 2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2017, 2021; Araujo da Silva, 2012, 2015a, 2015b, 2016; Araujo da Silva; Schaan, 2021; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019; Roosevelt, 2007, 2009a, 2009b). Além disso, diversas análises e interpretações complementares corroboram esses dados, mostrando a complexidade social e política da região (Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan, 2012a, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c). Estudos regionais também enfatizam o papel das relações entre sítios, além de aspectos ambientais e culturais (Schaan; Lima, 2012; Silva, 2016; Stenborg *et al.*, 2012, 2014, 2018). Nos estudos reunidos em *Um porto, muitas histórias*, Schaan (Schaan; Alves, 2015a) enfatiza a centralidade da indústria cerâmica dos Tapajó como

indicadores de práticas rituais e de organização social, que revelam um sistema altamente integrado de produção e circulação de objetos, nos quais forma, estilo e função estavam diretamente associados à vida cerimonial e ao exercício do poder (Jesus, 2018).

Esta perspectiva arqueológica, rompe com os modelos deterministas e evolucionistas e propõe a existência de uma grande diversidade de tradições culturais sofisticadas e de longa duração na Amazônia pré-colonial, através de uma leitura contextualizada da Amazônia como espaço de intensa atividade simbólica e transformação paisagística. Além disso, Schaan (2016) explorou as relações centro-periferia dentro do território Tapajó, argumentando que as grandes aldeias centrais atuavam como polos de poder político e redistributivo, conectados a assentamentos menores por meio de redes sociais, rituais, políticas e econômicas complexas (Schaan, 2012a, 2014, 2015, 2016). Em sua tese sobre a chefia dos Camutins, em Marajó/PA, Schaan (1997, 2003, 2004, 2008, 2010) destacou processos de centralização política em sociedades amazônicas e a emergência de estratificação social do cacicado dos Camutins na Ilha de Marajó/PA, com base em dados empíricos, argumentou que as sociedades marajoaras não eram estáticas ou simples, mas sim organizadas segundo princípios hierárquicos, redistributivos e rituais, inserindo a região da Ilha de Marajó nos debates globais sobre o surgimento da complexidade sociopolítica na floresta tropical.

Schaan (2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016) desenvolveu importantes estudos sobre a transformação da paisagem amazônica ao longo do tempo, analisando como a ação humana moldou o ambiente de forma sistemática e duradoura. Seus trabalhos no Sítio Porto e ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, com isso foi revelada uma série de contextos arqueológicos até então desconhecidos, documentando a presença de múltiplos grupos indígenas que ocuparam a área em diferentes momentos e deixaram marcas distintas

em termos de arquitetura, materialidade e uso do solo (Alves, 2012a, 2012b, 2016; Araujo da Silva, 2012; Jesus, 2018; Jesus; Rebellato, 2019; Martins, 2012a; Schaan, 2012a, 2012b, 2016; Schaan; Alves, 2015a; Schaan; Lima, 2012; Stenborg *et al.*, 2012, 2014, 2018). Schaan (2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016) reforçou a perspectiva de que o baixo Tapajós abrigou sociedades pré-coloniais complexas, onde diferentes tradições culturais coexistiram, interagiram e se transformaram ao longo dos séculos.

A partir desse material, Schaan (2007, 2012a, 2014, 2015, 2016) sustenta que o baixo Tapajós pode ser interpretado como espaço de circulação interétnica, com redes de interação, conflito e intercâmbio marcando profundamente a história local. Na discussão centro-periferia no território Tapajó, grandes aldeias funcionavam como núcleos de poder e redistribuição, conectando-se a assentamentos menores por meio de relações políticas e econômicas assimétricas, mas interdependentes. Visão que propõe repensar as formas de organização territorial indígena e destaca a plasticidade das formas políticas amazônicas pré-coloniais (Schaan, 2012b, 2004, 2015, 2016). Denise Schaan (Alves *et al.*, 2021) atuou como arqueóloga, professora e divulgadora científica seu legado permanece como referência para interpretações mais complexas, contextualizadas e comprometidas com a história indígena.

A partir da análise simbólica e social da cultura material de diferentes sítios arqueológicos na Amazônia, Schaan (2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012c, 2015, 2016) desenvolveu importantes reflexões sobre a transformação da paisagem amazônica ao longo do tempo, considerando a atuação humana como agente central na configuração ecológica. Acerca dos impactos humanos de longa duração na Ilha de Marajó, Schaan (2004, 2007, 2008, 2009, 2010) demonstrou como a construção de montículos, canais e aterros reflete estratégias planejadas de ocupação do território, em sintonia com cosmologias específicas e modos de vida

sustentáveis. Em sua análise da cerâmica Marajoara, Schaan (1997, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2014) interpreta a linguagem iconográfica dos grafismos indígenas como expressões de cosmologias complexas, desafiando leituras funcionalistas ou reducionistas da materialidade arqueológica da Ilha do Marajó. Schaan (1997, 2003, 2004, 2008, 2009, 2010) discute a figura da ceramista como agente social e produtora de identidade em contextos de Cacicados indígenas, indicando que a produção cerâmica era também um espaço de negociação de papéis de gênero e de pertencimento comunitário.

Em consonância com os princípios da ecologia histórica, Schaan (2004, 2008, 2009, 2010, 2012a, 2012b, 2012c, 2014, 2015, 2016) argumenta que a paisagem amazônica deve ser entendida como um palimpsesto de intervenções sociais, cujas camadas materiais revelam práticas agrícolas, residenciais, rituais e políticas. Sua participação em estudos sobre a formação das terras pretas indígenas (Schaan, 2004, 2008, 2010, 2014; Schaan *et al.*, 2009) também contribuiu para o debate sobre a agroecologia indígena e a durabilidade de seus impactos no solo, desestabilizando a ideia de uma floresta "natural" e intacta. Na obra *Sacred Geographies of Ancient Amazonia*, Schaan (2012) sintetiza esse pensamento ao propor que as geografias sagradas da Amazônia (montes, rios, campos cultivados) devem ser lidas como expressões da ordem cosmológica e social, propondo uma cronologia das transformações paisagísticas (Schaan, 2004, 2008, 2009, 2010, 2012a, 2012c, 2014, 2015, 2016), conectando eventos arqueológicos, mudanças ambientais e dinâmicas populacionais, que permite-nos compreender a Amazônia como um território de ação histórica profunda, moldado por gerações de povos indígenas na construção de ecossistemas antrópicos.

Os estudos conduzidos por Daiana Alves no Sítio Porto (2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022) representam uma contribuição significativa à arqueologia

amazônica, ao documentar detalhadamente a ocupação indígena no Sítio Porto, abrangendo desde aspectos cotidianos, materiais e domésticos até as práticas rituais que marcam identidades e relações de poder. Alves (2012a, 2012b, 2014, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022) realiza uma análise estratigráfica minuciosa que revela uma longa e complexa ocupação pré-colonial indígena. A análise estratigráfica realizada evidenciou uma complexa configuração dos níveis culturais, permitindo identificar componentes cerâmicos bem definidos, são contextos atribuíveis ao período formativo, com material cerâmico do período Pré-Tapajó datados entre 3.260 ± 30 AP e 3.060 ± 30 AP (Alves, 2012a) e 2.912 ± 56 AP e 2.270 ± 63 AP (cal. 1.610 a.C. – 1.210 a.C.) (Quinn, 2004), e em seguida, camadas associadas ao início da ocupação da Cultura Tapajó com datações em 1.260 ± 30 AP e 960 ± 30 AP (cal. 690 d.C. – 735 d.C.; cal. 765 d.C. – 890 d.C.; e cal. 1.020 d.C. – 1.160 d.C.), e as camadas arqueológicas relacionadas ao período Tapajó Clássico são representadas pelas cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteada, com datações radiocarbônicas entre 960 ± 30 AP e 300 ± 30 AP (cal. 1.020 d.C. – 1.620 d.C.), divididas em dois subperíodos: a transição para o Tapajó/Tradição Inciso-Ponteada, entre 950 AP e 750 AP (cal. 1.000 d.C. – 1.200 d.C.), e o período Tapajó Clássico, datado entre 750 AP e 350 AP (cal. 1.200 d.C. – 1.600 d.C.) (Alves, 2012a, 2012b, 2014, 2015b, 2016, 2017; Araujo da Silva, 2015a, 2016; Gomes, 2011, 2017, 2022; Gomes; Luiz, 2013; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Quinn, 2004; Roosevelt, 2007, 2009a, 2009b; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Silva, 2016). Complementando está análise, estudos arqueológicos recentes também ressaltam os aspectos culturais e contextuais do Tapajó Clássico (Alves, 2012a, 2015, 2017; Araujo da Silva; Schaan, 2021; Jesus, 2018a, 2021, 2022a; Gomes, 2025; Gomes *et al.*, 2023, Schaan, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Silva; Araujo da Silva, 2021).

A pesquisa arqueológica sobre o processo de formação do Sítio Porto é complementada por reflexões históricas e teóricas acerca da construção do passado Tapajó, a partir da arqueologia e da história, ampliou-se a escala temporal e analítica da ocupação indígena na foz do Tapajós (Alves, 2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c; Silva, 2016). As evidências arqueológicas identificadas apontam para uma ocupação contínua desde o período Formativo até o período Tapajó e as cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadada, com destaque para a permanência de práticas cerâmicas altamente desenvolvidas e para a presença de contextos rituais associados, como urnas funerárias e bolsões cerimoniais com materiais botânicos, zooarqueológicos, cerâmicas decoradas, restos líticos e pequenas ferramentas. Os achados revelam a persistência de práticas cerâmicas distintivas, como modelagem característica, incisão e ponteadado, e também a presença de estruturas associadas a deposições cerimoniais, incluindo urnas funerárias e bolsões com material diversificado (Alves, 2012a, 2012b, 2014, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022). Em sua reflexão sobre o passado Tapajó, Alves (2012a, 2012b, 2015a, 2015b, 2016, 2017) articula dados arqueológicos e históricos, para construir uma narrativa sensível às epistemologias indígenas, isto é, às formas próprias de conhecimento, de organização social, de memória e de eco-cosmologia.

A pesquisa de Alves (2012a, 2017), no Sítio Porto, se destaca por integrar a análise da cultura material com questões de ordem simbólica, política e ambiental. Alves (2012a, 2012b, 2014, 2015b, 2016, 2017, 2021) aprofunda as análises arqueológicas dos contextos materiais e sociais da Cultura Tapajó, investigando o manejo de plantas em solos antrópicos, como as terras pretas indígenas, demonstrando que as populações indígenas dos sítios Porto e Aldeia e da região do baixo Tapajós, desenvolveram práticas agrícolas complexas e adaptadas à ecologia

local. Ao abordar as atividades cotidianas e rituais dos Tapajó, Alves (2012a, 2012b, 2015b, 2016, 2017) revela a fluidez entre o mundano e o cerimonial, evidenciada em espaços domésticos com uso ritual e nas cerâmicas com iconografias de forte valor simbólico. São contextos interpretados à luz de uma arqueologia engajada, que incorpora técnicas de escavação e análise laboratorial, além dos aspectos intangíveis da cultura material (memória, identidade e cosmologia).

A trajetória de pesquisa de Daiana Alves no Sítio Porto (2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022) é marcada pela valorização da preservação da memória arqueológica e dos legados intelectuais, ao resgatar a contribuição de Denise Schaan no estudo das culturas Marajoara e Tapajó (Alves, 2009, 2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022; Alves; Schaan, 2011; Schaan, 1997, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2012a, 2012b, 2012c, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c), a partir de contribuições efetivas para a arqueologia amazônica, destacando dimensões afetivas, políticas e acadêmicas do trabalho colaborativo (Alves *et al.*, 2021). A análise da estatueta “Pé na Boca” (Alves, 2017, 2021, 2022) exemplifica sua capacidade de extrair narrativas de artefatos complexos, propondo interpretações que ligam a cultura material à construção de discursos sociais, à performance ritual e à agência material dos artefatos na produção de sentido. Alves (2012a, 2012b, 2014, 2015a, 2015b, 2016, 2017, 2021, 2022) integra uma perspectiva de arqueologia crítica e contextual, que recusa abordagens reducionistas e propõe uma leitura densa e plural das paisagens arqueológicas amazônicas. Sua atuação estabelece conexões fecundas entre tempo profundo e memória histórica, entre materialidade e simbolismo, contribuindo para uma reconfiguração epistemológica da compreensão das sociedades indígenas do passado e de seus legados no presente.

Essa proposta se manifesta na leitura dos bancos cerâmicos marajoaras, objetos interpretados como assentos cerimoniais para chefes e pajés (Alves, 2009; Alves; Schaan, 2011; Schaan, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010), estabelecendo diálogos entre diferentes tradições arqueológicas do estuário amazônico. A pesquisa de Alves dialoga com o trabalho de Denise Schaan, especialmente sobre cerâmica, iconografia, e práticas de poder simbólico em sociedades pré-coloniais. Schaan (1997, 2003, 2004, 2008, 2009) investigou padrões gráficos e iconográficos da cerâmica Marajoara e os papéis sociais da ceramista, percepção que Alves (Alves, 2009; Alves; Schaan, 2011) considera em sua interpretação de artefatos arqueológicos e contextos cerimoniais (Alves, 2009; Alves; Schaan, 2011; Schaan, 1997, 2003, 2004, 2007, 2008, 2009, 2010, 2014). Schann (2007) propõe uma arqueologia menos dependente de periodizações enrijecidas, algo que se alinha às investigações de Alves (2012a, 2015b, 2017) sobre mudanças culturais e continuidade no Sítio Porto. Ademais, Schaan (2004, 2008, 2009, 2010) trabalha com impactos humanos sobre a paisagem, as terras pretas e transformações ecológicas, temas que Alves (2012a, 2014, 2015b, 2016, 2017) retoma no estudo do uso do solo, manejo vegetal e domesticação da paisagem ambiental no Sítio Porto.

Sou Hudson de Jesus, arqueólogo indígena e realizo pesquisas em Santarém e na T.I. Tupinambá, em Santarém, região do baixo Tapajós (Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2020b, 2021, 2022a, 2022b, 2023, 2024; Jesus; Oliveira, 2023; Jesus; Rebellato, 2019; Jesus Tupinambá, 2023, 2024; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025), onde pude desenvolver análises de contextos cerâmicos que constituem uma contribuição de pesquisa para a arqueologia amazônica, ao articular a análise da cultura material com perspectivas críticas sobre memória, território e etnicidade. Entre 2013 e 2016, participei de escavações no Sítio Porto como estudante do Curso de Arqueologia da UFOPA, e atuei em diversas etapas do trabalho de

campo e laboratório, incluindo a limpeza, triagem e análise de materiais arqueológicos (Jesus, 2018). Em 2023, retornei ao Sítio Porto como professor do Curso de Arqueologia da UFOPA, para conduzir uma escavação didática com estudantes no âmbito da disciplina de Prática de Campo (Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025). As atividades concentraram-se em áreas ainda preservadas, permitindo a recuperação de contextos arqueológicos significativos que reafirmam a importância do Sítio Porto para a compreensão da longa duração das ocupações humanas na região do baixo Tapajós (Jesus, 2019; Jesus; Rebellato, 2019).

Durante a graduação em Arqueologia na UFOPA, desenvolvi pesquisa sobre a história arqueológica do Sítio Porto, que está datado com ocupações entre 3.260 ± 30 AP e 3.060 ± 30 AP (Alves, 2012a) e 2.912 ± 56 AP e 2.270 ± 63 AP (cal. 1.610 a.C. – 1.210 a.C.) (Quinn, 2004), com camadas associadas ao início da ocupação da Cultura Tapajó, entre 1.260 ± 30 AP e 960 ± 30 AP (cal. 690 d.C. – 735 d.C.; cal. 765 d.C. – 890 d.C.; e cal. 1.020 d.C. – 1.160 d.C.), e, camadas relacionadas ao período Tapajó Clássico, representadas pelas cerâmicas da Tradição Inciso-Ponteadada, datadas entre 960 ± 30 AP e 300 ± 30 AP (cal. 1.020 d.C. – 1.620 d.C.) (Alves, 2012a; Jesus, 2018; Schaan, 2015; Schaan; Alves, 2015c), com o título *Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém* (Jesus, 2018). O estudo evidenciou a riqueza estilística dos materiais, revelando dinâmicas culturais complexas, incluindo influências externas e características locais, em um sítio arqueológico no qual a cerâmica apresenta antiguidade de cerca de 3.000 (AP) (Alves, 2012a, 2014, 2015b, 2017), o que a torna contemporânea a vestígios igualmente antigos no Sítio Aldeia (Gomes, 2017, 2022, 2025). No estudo tipológico e estilístico de fragmentos cerâmicos foram identificados padrões decorativos e morfológicos que evidenciam continuidade cultural associada ao povo Tapajó, além de práticas sociais e simbólicas embutidas nos objetos. A

pesquisa foi aprofundada com análises de artefatos provenientes das áreas 4A e 4B do Sítio Porto, destacando as variações técnicas e estilísticas como reflexos de dinâmicas sociais complexas e de uma produção cerâmica integrada às práticas cotidianas e rituais dos povos indígenas locais (Jesus; Rebellato, 2019). Esses dados sustentam a hipótese de que diferentes grupos culturais coexistiram, configurando uma paisagem marcada por múltiplas tradições cerâmicas e temporalidades sobrepostas. É possível afirmar que sítios como Porto e Aldeia não representam um cenário cultural homogêneo, mas sim um mosaico de tradições tecnológicas, práticas sociais e identidades culturais (Jesus, 2019, 2020a, 2021).

A localização dos assentamentos humanos nos sítios Porto e Aldeia permitiu o controle de rotas fluviais de circulação, troca e comunicação entre diferentes etnias, funcionando como pontos nodais em redes sociopolíticas mais amplas. Em uma atuação mais crítica, proponho uma releitura dos sítios Porto e Aldeia como espaços de memória indígena ancestral, com a valorização do legado material e imaterial dos povos originários como forma de resistência étnica diante de processos históricos de apagamento e colonização, alinhando-se a uma arqueologia de base decolonial e engajamento crítico (Jesus, 2019, 2020b, 2022a, 2022b, 2023). Com a necessidade de tratar dos vestígios cerâmicos enquanto materialização da experiência histórica dos Tapajó, uma experiência marcada por sociabilidades complexas, territorialidades específicas e um profundo vínculo cosmológico com a paisagem do baixo Tapajós (Alves, 2012a, 2012b, 2015b, 2017, 2021, 2022; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Jesus; Rebellato, 2019; Quinn, 2004; Roosevelt, 2007; Schaan, 2012a, 2012b, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015b, 2015c). Essa dimensão simbólica e existencial dos artefatos se aprofunda ao analisarmos contextos cerâmicos, a partir da relação entre vida cotidiana e prática ritual é possível perceber que muitos artefatos encontrados em contextos

domésticos possuíam usos ambivalentes, ao mesmo tempo funcionais e cerimoniais, evidenciando uma cosmologia fluida em que o sagrado e o profano se entrelaçam nas formas materiais (Alves, 2012a, 2012b, 2015b, 2017; Araujo da Silva, 2012, 2015, 2016; Araujo da Silva; Schaan, 2021; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021, 2022a; Quinn, 2004; Roosevelt, 2007; Schaan, 2014, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c).

Posteriormente, desenvolvi pesquisa de Mestrado em Arqueologia, na Universidade Federal de Sergipe (UFS), acerca da ocupação indígena na Terra Indígena Tupinambá (Jesus, 2022a, 2022b, 2023; Jesus Tupinambá, 2023; Jesus; Oliveira, 2023), localizada na margem esquerda do baixo rio Tapajós, com o objetivo de ampliar o entendimento das ocupações pré-coloniais tardias e suas cosmoecologias. A partir da integração entre dados arqueológicos e saberes tradicionais indígenas, a pesquisa buscou compreender as interações entre cultura, ambiente e espiritualidade, dimensões fundamentais para a construção das paisagens antropogênicas amazônicas. Além disso, a arqueologia indígena foi central para ressignificar o passado valorizando a participação ativa das comunidades indígenas nos processos de pesquisa, interpretação e preservação do patrimônio arqueológico (Jesus, 2020b, 2022a, 2022b, 2023, 2024; Jesus Tupinambá, 2023, 2024). Em síntese, sítios arqueológicos como Porto e Aldeia, com sua riqueza estratigráfica e diversidade de cultura material, são fundamentais para repensar a história das ocupações indígenas na Amazônia. Estes contextos arqueológicos revelam a sofisticação tecnológica e simbólica desses grupos, mas também sua profunda relação com o ambiente e modos de vida, frequentemente invisibilizados por narrativas coloniais.

Em minha dissertação de mestrado em arqueologia, sob o título *Yané Rêdáwa Têdáwa São Francisco* (Jesus, 2022a), apresentei perspectiva sobre o escopo das pesquisas arqueológicas na região do rio Tapajós, a partir da escuta de lideranças locais, da análise de

artefatos e do engajamento com saberes tradicionais (Jesus Tupinambá, 2023; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025). Neste trabalho, abordo conhecimento arqueológico em interface com a oralidade indígena, propondo uma metodologia colaborativa e sensível aos modos de existência dos povos originários. Desafiar a centralidade das narrativas acadêmicas significa argumentar que os saberes indígenas não apenas complementam, mas também reconfiguram as interpretações arqueológicas. Assim, a Arqueologia Viva (Jesus, 2022a) e a arqueologia ancestral (Jesus, 2022a; Jesus Tupinambá, 2023) são enraizadas no território e orientada por um compromisso com os povos que hoje habitam e reivindicam essas paisagens históricas. Com isso, busca-se pensar uma sólida contribuição empírica para o estudo da cerâmica Tapajó, a partir da intervenção epistemológica que busca descolonizar a produção de conhecimento sobre o passado amazônico e afirmar o protagonismo indígena na construção da história e da memória.

A partir de uma perspectiva de arqueologia regional, as pesquisas realizadas nas regiões do baixo Tapajós, baixo Trombetas e alto Tapajós revelam um intrincado sistema de interações interétnicas que desafia as antigas noções de isolamento cultural entre os povos indígenas pré-coloniais. Os achados cerâmicos do baixo Tapajós (Alves, 2012a, 2015b, 2017; Jácome, 2025; Jesus, 2018, 2022a; Schaan, 2015, 2016; Schaan; Alves, 2015a, 2015c), aliados a dados comparativos de outras regiões da Amazônia, fornecem evidências de redes de trocas materiais e simbólicas entre diversos grupos. As análises de fragmentos cerâmicos recuperados nas escavações, contextualizados em ambientes domésticos e cerimoniais, indicam conexão entre os estilos decorativos locais e aqueles presentes em outras regiões da bacia amazônica. Esses dados dialogam com a Tradição Inciso e Ponteadada, cujas cerâmicas revelam uma rica iconografia faunística (Alves, 2012a; Borges; Prestes-Carneiro, 2020; Jesus, 2019; Schaan,

2015). Nessas representações, animais silvestres como peixes, quelônios, morcegos, macacos e felinos aparecem estilizados nos corpos das urnas e vasilhas, enquanto apresentam decorações e inscrições cosmológicas e identitárias (Jácome, 2017; Jesus, 2018, 2021). Esses motivos visuais indicam relações entre humanos e animais que extrapolam o consumo ou o uso utilitário, refletindo vínculos ontológicos e perspectivismos ameríndios (Gomes, 2012, 2017, 2022; Jesus, 2018, 2019, 2020a, 2021). Os sítios com terras pretas, suas faunas preservadas e suas cerâmicas iconográficas revelam paisagens habitadas e produzidas por relações e redes interétnicas profundamente integradas à ecologia dos grandes rios e florestas amazônicas.

As tradições ceramistas amazônicas podem ser compreendidas como produtos de encontros históricos, de fluxos de pessoas, saberes, tecnologias e cosmologias. Nas pesquisas conduzidas por Camila Jácome (2011, 2017, 2020, 2025) nos rios Mapuera, Cachorro e Trombetas, evidencia-se a existência de estilos cerâmicos distintos entre os povos Waiwai e seus vizinhos, mas que, ao mesmo tempo, compartilham padrões tecnológicos e decorativos. Isso indica intercâmbios frequentes e relações de interdependência entre grupos (Jácome, 2011, 2017, 2020, 2021, 2025; Jácome; Glória, 2021; Jácome *et al.*, 2020). A cerâmica, nesse contexto, atua como mediadora simbólica e suporte de memórias coletivas, identidades e alianças, que evidenciam a circulação de técnicas, estilos e objetos através das bacias dos rios Mapuera, Cachorro e Trombetas. Jácome (2023) e colegas propõem uma leitura plural e situada da materialidade arqueológica, considerando os “corpos fragmentados” não apenas como vestígios físicos do passado, mas como elementos vivos que continuam a dialogar com as narrativas cosmológicas dos povos indígenas originários. Essa perspectiva descolonizadora ressignifica a prática arqueológica e aproxima a disciplina de uma escuta ativa dos saberes indígenas sobre o território e os artefatos. Jácome (2020) e colegas enfatizam como diferentes

tradições de conhecimento (epistêmicas) coexistem e interagem em torno de acervos materiais, inclusive cerâmicos, ressaltando os desafios de sua preservação e gestão dos acervos.

Jácome (Jácome, 2020; Jácome; Wai Wai, 2020; Jesus Tupinambá, 2023) chama atenção para a pedagogia de arqueologia indígena como espaço de diálogo e transmissão dessas técnicas e saberes entre gerações, mostrando que essas trocas não são apenas materiais, mas formativas. Essas tradições decorativas e tecnológicas operam como marcadores de identidade, reforçando laços sociais entre grupos e reafirmando pertencimentos em contextos políticos, rituais e de sociabilidade. O estudo dessas cerâmicas revela, sobretudo, relações políticas e cosmológicas que sustentavam os modos de vida ameríndios em territórios profundamente conectados pelos rios. Jácome (2025) enfatiza exatamente essa dimensão relacional entre seres humanos, ambientes e artefatos como parte de uma cosmovisão expansiva, em que a floresta e os rios são sujeitos e cenários ativos.

No alto Tapajós, as pesquisas de Bruna Rocha (2012, 2017, 2020a, 2020b; Rocha *et al.*, 2013, 2014, 2020, 2021, 2022) e colegas revelam que a Tradição Inciso Ponteadada, observada nos contextos cerâmicos associados aos povos Munduruku, ultrapassa a função estética ou utilitária, funcionando como uma espécie de “língua franca” visual, com um sistema decorativo compartilhado entre diversos grupos (Honorato de Oliveria, 2015; Honorato; Rocha, 2024; Rocha, 2012, 2017, 2020a, 2020b; Rocha; Honorato, 2011, 2016a, 2016b, 2020, 2025; Rocha; Loures, 2020; Rocha *et al.*, 2021; Rocha *et al.*, 2013, 2014, 2020, 2021, 2022). A presença recorrente dessa tradição cerâmica em sítios arqueológicos ao longo do rio Tapajós sugere um código compartilhado de comunicação e pertencimento entre povos distintos, refletindo vínculos culturais e políticos entre comunidades indígenas dispersas por vastos territórios fluviais. Essa tradição aparece tanto em contextos domésticos quanto cerimoniais, reforçando

a ideia de que estilos cerâmicos eram também marcadores de identidade e alianças interétnicas (Rocha, 2012, 2017, 2020a; Rocha *et al.*, 2013, 2014, 2020, 2021, 2022). Com isso, o patrimônio arqueológico pode ser mobilizado como ferramenta de resistência étnica contemporânea dos povos indígenas (Rocha, 2012, 2017).

As comunidades indígenas reapropriam os vestígios arqueológicos como provas materiais de sua ancestralidade e presença histórica contínua no território, como na aldeia São Francisco, do Povo Tupinambá do rio Tapajós (Jesus, 2022a, 2022b, 2023; Jesus Tupinambá, 2023, 2024; Jesus Tupinambá; Gama Kumaruara, 2025). Esse movimento de arqueologia ancestral, revela um protagonismo crescente na produção de conhecimento sobre o passado amazônico, e desafia as fronteiras tradicionais entre arqueologia científica e memória viva.

A conexão entre sítios arqueológicos Tapajó, Konduri e Munduruku, evidencia redes complexas de intercâmbio cultural, circulação de tecnologias e saberes ao longo de grandes rios amazônicos, que têm desafiado modelos centrados em isolamentos culturais, reforçando a importância da cerâmica como instrumento de comunicação. Esses dados apontam para a circulação de objetos, estilos decorativos e técnicas de produção cerâmica que apresentam um dinamismo cultural, com a existência de redes de interação que conectam, por meio da cerâmica e de outros bens simbólicos, diferentes bacias hidrográficas e diferentes povos, como Tapajó, Konduri, Munduruku e Waiwai. Os sítios arqueológicos do baixo Tapajós, rio Mapuera e alto Tapajós constituem nós de uma rede interétnica vasta, onde a cerâmica atua como suporte de redes de intercâmbio cultural e conexões simbólicas, tecnológicas e sociais, evidenciadas pelas cerâmicas amazônicas. Esse panorama evidencia uma Amazônia histórica plural, dinâmica e profundamente relacional, em que os rios são modos de vida, vetores de cultura, cosmologia e política que estruturam formas sociais, alianças políticas e sistemas de conhecimento que

atravessam os séculos. A arqueologia, ao reconhecer essa complexidade, se aproxima das cosmologias indígenas e de seus modos próprios de narrar o tempo, o território e a identidade.

A partir das diversas contribuições analisadas, fica evidente que as cerâmicas da Cultura Tapajó refletem uma profunda relação entre práticas culturais, cosmologias indígenas e transformações ambientais de longa duração. A paisagem amazônica é resultado de intervenções humanas sofisticadas, com técnicas agrícolas adaptadas, produção de cerâmica e manejo de ecossistemas complexos. A presença de terras pretas, montículos, canais e estruturas cerimoniais revela um modo de vida enraizado em lógicas sociais e espirituais próprias, nas quais o manejo da paisagem integrava práticas rituais, memoriais e políticas. Esses elementos expressam uma concepção do espaço como entidade viva, em constante diálogo com os ancestrais, os espíritos da natureza e a coletividade, evidenciando uma cosmologia em que o ambiente, o trabalho e o sagrado se articulam de forma indissociável.

CONCLUSÃO

Os Sítios Porto e Aldeia, com sua diversidade de artefatos, camadas arqueológicas, bolsões de deposição ritual e presença significativa de terras pretas, constituem um arquivo vivo da história indígena no baixo Tapajós. As evidências indicam sociedades indígenas que desenvolveram modos de vida enraizados em sistemas cosmológicos e econômicos autônomos. A organização social desses grupos articula uma lógica cultural ampla, em que rituais, territorialidade e produção cerâmica estavam interligados. A agricultura assumiu dimensões simbólicas e sociais, com as terras pretas e sua complexidade tecnológica, comprovando o manejo intensivo e planejado do solo, resultado de práticas contínuas e cumulativas que demandaram milênios de atividade humana organizada e conhecimento ecológico.

As descobertas arqueológicas nas regiões do baixo Tapajós, baixo Trombetas e alto Tapajós evidenciam uma Amazônia indígena pré-colonial marcada por intensas redes de interação étnicas, contrariando antigas ideias de isolamento entre os povos indígenas pré-coloniais. A cerâmica, especialmente aquela vinculada à Tradição Inciso e Ponteada, revela-se um elemento central nesse sistema de trocas, funcionando como veículo de comunicação visual, marcador de identidade e suporte de cosmologias compartilhadas. Esses vestígios não são apenas objetos do passado, mas expressões vivas de relações sociais, políticas e espirituais, nas quais os rios desempenham papel fundamental como vetores de cultura, memória e pertencimento. Os estilos cerâmicos e suas iconografias, ao circular por vastos territórios, mostram um dinamismo cultural que liga diferentes povos, como Tapajó, Konduri, Munduruku e Waiwai, em uma rede de intercâmbio tecnológico e simbólico que atravessam séculos de história indígena.

A demonstração das raízes entre as aldeias dos povos indígenas e os sítios arqueológicos no baixo Tapajós é evidenciada pela existência de um rico registro arqueológico, que mesmo durante o período colonial indica que as populações indígenas continuaram resistindo e produzindo cultura, muitas vezes nos mesmos territórios ancestrais. A multiplicidade étnica que hoje caracteriza o baixo Tapajós, com mais de 70 aldeias e 13 povos indígenas reconhecidos, encontra raízes profundas no passado pré-colonial, conforme demonstram os vestígios cerâmicos, habitacionais e ambientais. Assim, as perspectivas indígenas e decoloniais são fundamentais para valorizar a historicidade, a diversidade e a complexidade sociocultural das populações indígenas amazônicas. Os sítios Porto e Aldeia possuem registros de habitação indígena milenar, referentes a povos indígenas que viveram em equilíbrio com o ambiente, produziram conhecimento e expressaram saberes cosmoecológicos.

Ao incorporar os saberes indígenas e reconhecer a agência desses povos na construção e transmissão de conhecimento, a arqueologia se aproxima de uma perspectiva mais plural, ética e descolonizadora. A materialidade arqueológica, assim, não apenas revela o passado, mas também fortalece as lutas contemporâneas por reconhecimento, território e memória ancestral. Nesse sentido, a cerâmica amazônica torna-se não só um objeto de estudo, mas também um testemunho de resistência e continuidade cultural dos povos indígenas originários da floresta.

Dessa forma, reafirma-se a importância de construir uma arqueologia indígena, participativa e comprometida com o presente e o futuro das populações indígenas, e que caminha em conjunto com os povos indígenas, reconhecendo sua centralidade na produção de saberes, na preservação da memória e na defesa de seus direitos territoriais e epistemológicos. A partir de uma abordagem colaborativa, reafirma-se a centralidade dos povos indígenas como sujeitos históricos e produtores de conhecimento. As escavações, análises cerâmicas, identificação de terras pretas indígenas e a reconstrução de contextos rituais e cotidianos revelam uma história contínua de resistência, inovação tecnológica e profundo vínculo com a paisagem amazônica.

As pesquisas sobre os sítios arqueológicos Porto e Aldeia, na região do baixo Tapajós, revelam uma longa e contínua ocupação indígena entre o período Formativo e o Tapajó, evidenciando sociedades complexas, densamente povoadas e culturalmente sofisticadas. A cronologia proposta demonstra a formação e expansão das terras pretas, o desenvolvimento de cerâmicas elaboradas e a consolidação de centros regionais de poder e religiosidade. A cerâmica Tapajó, interpretada como expressão de identidade, memória e cosmologia, ultrapassa o uso utilitário e reflete modos de vida, rituais e hierarquias sociais. As análises

estratigráficas e contextuais indicam interações interétnicas e transformações estilísticas decorrentes de contatos coloniais.

As pesquisas de Anna Roosevelt, na região do baixo Tapajós, revelaram evidências de antigas sociedades complexas, com a presença de sítios arqueológicos de terras pretas, montículos e extensas áreas de habitação, indicando planejamento urbano, agricultura e manejo ambiental sofisticado. Em diálogo com essas descobertas, Denise Schaan e Daiana Alves destacam o papel das mulheres ceramistas, responsáveis pela produção simbólica e estética que refletia relações sociais, espirituais e de gênero, além do domínio técnico e ecológico que possibilitou a domesticação da paisagem amazônica. Já Denise Gomes aprofunda a dimensão simbólica e política dos artefatos cerâmicos, interpretando-os como expressões de identidade e poder. Por fim, minha proposta é de uma arqueologia indígena. Enquanto proponho uma arqueologia indígena, comprometida com a valorização da memória ancestral e das epistemologias ameríndias, com os povos indígenas como protagonistas na construção e preservação de sua própria história. Assim, os sítios Porto e Aldeia são compreendidos como espaços de memória, sociabilidade e resistência, fundamentais para reescrever a história indígena da Amazônia.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Álison. **Caracterização antracológica, físico-química, isotópica e molecular da terra preta do Sítio Arqueológico Porto, Santarém, PA.** Tese (Doutorado em Ciências) – Universidade de São Paulo, Piracicaba, 2017.

ALVES, Daiana. **Assentos para chefes e pajés: um estudo dos bancos cerâmicos do Marajó.** Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em História) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2009.

ALVES, Daiana; SCHAAN, Denise. Os bancos de cerâmica marajoara: seus contextos e possíveis significados simbólicos. **Amazônica**, v. 3, p. 8-141, 2011.

ALVES, Daiana. **Ocupação indígena na foz do Rio Tapajós (3260-960 AP)**: estudo do Sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas. Dissertação (Mestrado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012a.

ALVES, Daiana. Arqueologia, história e a construção do passado Tapajó. In: SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém (PA): GKNoronha, 2012b. p. 11-16.

ALVES, Daiana. **Ocupação indígena na foz do Rio Tapajós (1610 a.C. – 1020 d.C.)**: estudo do Sítio Porto de Santarém. Novas Edições Acadêmicas, 2014.

ALVES, Daiana. Memórias de viagens e encontros. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. Belém: Gráfica Supercores, 2015a. p. 21-32.

ALVES, Daiana. Do mundano ao ritual: as atividades cotidianas dos Tapajó. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. Belém: Gráfica Supercores, 2015b. p. 63-97.

ALVES, Daiana. Plant Food Consumption and the Origin of Amazonian Dark Earth in the Lower Tapajós Region. In: STENBORG, Per. (Ed.). **Beyond Waters**: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland. Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg Press, 2016. p. 61-70.

ALVES, Daiana. **Dark Earth Plant Management in the Lower Tapajos**. Thesis (PhD in Archaeology) – University of Exeter, London (UK), 2017.

ALVES, Daiana. *The Foot-in-the-Mouth Figurine* and Discourse Construction Based on Material Culture. **Brasiliana**, v. 9, n. 2, p. 7-29, 2021.

ALVES, Daiana *et al.* Lendo iconografias e paisagens – a trajetória de Denise Schaan na arqueologia. **Amazônica**, v. 13, n. 1, p. 11-31, 2021.

ALVES, Daiana. A estatueta Pé na Boca e a construção de discursos a partir da cultura material. **Cadernos do LEPAARQ**, p. 243-263, 2022.

ANDRADE, Marcela *et al.* Um estudo sobre os ícones arqueológicos da Praça Barão de Santarém: seus usos e significados. **Papers do NAEA**, v. 1, n. 1, p. 1-16, 2023.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta. Tecnologia lítica na Amazônia: análise dos machados localizados ao longo da BR-163: Cuiabá-Santarém. **Amazônica**, v. 3, n. 1, p. 212-217, 2011.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta. Cotidiano tecnológico indígena: cadeia operatória de artefatos em pedra. In: SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém: GKNoronha, 2012. p. 205-217.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta. Construindo histórias: cadeia operatória e história de vida dos machados líticos amazônicos. **Revista de Arqueologia**, v. 25, n. 2, p. 58-88, 2013.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta. Mítico e doméstico: o uso do lítico na região do Tapajós. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias: arqueologia em Santarém**. Belém: Gráfica Supercores, 2015a. p. 117-134.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta. As senhoras do Tapajós: entrevendo a presença feminina no Sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas. In: CANCELA, Cristiana *et al.* (Orgs.). **Raça, etnicidade, sexualidade e gênero: em perspectiva comparada**. São Paulo: Terceiro Nome, 2015b. p. 237-252.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta. **Banquete lapidoso: tecnologia lítica em contextos festivos no Sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas**. Dissertação (Mestrado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

ARAUJO DA SILVA, Tallyta; SCHAAN, Denise. Entre Esprits, Gestes et Pierres: Chaîne Opératoire Lithique sur Le Site de Porto de Santarém, Amazonie. **L'Anthropologie**, v. 125, n. 2, p. 1-22, 2021.

ARCURI, Marcia. Tribos, cacicados ou estados? A dualidade e centralização da chefia na organização social da América pré-colombina. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 17, p. 305-320, 2007.

BALÉE, William. Sobre a indigeneidade das paisagens. **Revista de Arqueologia**, v. 21, n. 2, p. 9-23, 2008.

BALÉE, William. Amazonian Dark Earths. **Tipití**, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2010.

BARATA, Frederico. Arte indígena amazônica: os maravilhosos cachimbos de Santarém. **Estudos Brasileiros**, v. 13, n. 37-39, p. 270-293, 1944.

BARATA, Frederico. A arte oleira dos Tapajó. Considerações sobre a cerâmica e dois tipos de vasos característicos. **Publicação do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará**, v. 1, n. 2, p. 1-47, 1950.

BARATA, Frederico. A arte oleira dos Tapajó II. Os cachimbos de Santarém. **Revista do Museu Paulista**, v. 5, n. 1, p. 183-213, 1951.

BARATA, Frederico. A arte oleira dos Tapajó III. Alguns elementos novos para a tipologia de Santarém. **Publicação do Instituto de Antropologia e Etnologia do Pará**, v. 1, n. 6, 1953a.

BARATA, Frederico. Uma análise estilística da cerâmica de Santarém. **Cultura**, nº 5, p. 185-205, 1953b.

BARATA, Frederico. O muiraquitã e as "contas" dos Tapajós. **Revista do Museu Paulista**, n. 8, p. 229-252, 1954.

BESSEN, Ádrea. **A materialidade da morte no período Ford (1927-1958):** memória e patrimônio nos cemitérios de Fordlândia e Belterra, Pará, Brasil. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2023.

BORGES, Caroline; PRESTES-CARNEIRO, Gabriela. Morcegos, humanos e pandemias: perspectivas de longa duração para o entendimento das relações entre sociedades e ambientes. **Tessituras**, v. 8, n. 1, p. 128-156, 2020.

CARNEIRO, Robert; SCHAAN, Denise. A base ecológica dos cacicados amazônicos. **Revista de Arqueologia**, v. 20, n. 1, p. 117-154, 2007.

CORRÊA, Conceição. Estatuetas de cerâmica na Cultura Santarém: classificação e catálogo das coleções do Museu Goeldi. **Publicações Avulsas do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 4, p. 3-88, 1965.

COSTA, Ádrea. **Contextos e práticas funerárias no Baixo Tapajós:** um estudo dos sepultamentos em urna no sítio Paraná de Arau-é-pá. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Laranjeiras, 2015.

COSTA, Marcondes *et al.* Paisagens amazônicas sob a ocupação do homem pré-histórico: uma visão geológica. In: In: TEIXERA, Wescelau *et al.* (Eds.). **As terras pretas de índio da Amazônia:** sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus (AM): Embrapa Amazônia Ocidental, 2009. p. 15-38.

COSTA, Jucilene *et al.* Analysis of the Spatial Distribution of Geochemical Signatures for the Identification of Prehistoric Settlement Patterns in ADE and TMA Sites in the Lower Amazon Basin. **Journal of Archaeological Science**, v. 40, n. 6, p. 2771-2782, 2013.

DENEVAN, William. As origens agrícolas da terra mulata na Amazônia. In: TEIXERA, Wescelau *et al.* (Eds.). **As terras pretas de índio da Amazônia:** sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus (AM): Embrapa Amazônia Ocidental, 2009. p. 82-86.

FIGUEIREDO, Camila. Archaeological Potential in the Flona-Tapajós. In: STENBORG. Per. (Ed.). **Beyond Waters:** Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland. Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg Press, 2016. p. 23-36.

FIGUEIREDO, Camila. **Regional Complementarity and Placemaking in the Northern Region of the Tapajós National Forest Reservation, Lower Amazon, Brazil.** Thesis (PhD in Anthropology) – University of Toronto, Toronto, Canada, 2019.

GOMES, Denise. Bibliografia sobre a Cultura Santarém: história e perspectivas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 7, p. 155-166, 1997.

GOMES, Denise. **Reescavando o passado**: uma análise do vasilhame cerâmico da Coleção Tapajônica do MAE-USP. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

GOMES, Denise. Santarém: Symbolism and Power in the Tropical Forest. In: MCEWAN, Colin *et al.* (Eds.). **The Unknown Amazon**. London (UK): British Museum Press, 2001. p. 134-155.

GOMES, Denise. **Cerâmica arqueológica da Amazônia**: vasilhas da Coleção Tapajônica MAE-USP. São Paulo: EdUSP, 2002.

GOMES, Denise. **Análise dos padrões de organização comunitária no Baixo Tapajós**: o desenvolvimento do formativo na área de Santarém, PA. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

GOMES, Denise. A Cerâmica Santarém e seus símbolos. In: CALLIA, Marcos; OLIVEIRA, Marcos. (Orgs.). **Terra Brasilis: Pré-História e Arqueologia da Psique**. São Paulo (SP): Paulus, 2006a. p. 49-72.

GOMES, Denise. Padrões de organização comunitária no Baixo Tapajós: o formativo na área de Santarém, Brasil. In: MORCOTE RIOS, Gaspar *et al.* (Orgs.). **Pueblos y Paisajes Antiguos en la Selva Amazónica**. Bogotá, Colombia: Universidad Nacional de Colombia/Taraxacum, 2006b. p. 327-351.

GOMES, Denise. Amazonian Archaeology and Local Identities. In: EDGEWORTH, Matt. (Ed.). **Ethnographies of Archaeological Practice: Cultural Encounters, Material Transformations**. Lanhan (US): Altamira Press, 2006c. p. 148-160.

GOMES, Denise. The Diversity of Social Forms in Pre-Colonial Amazonia. **Revista de Arqueologia Americana**, v. 25, p. 187-225, 2007.

GOMES, Denise. **Cotidiano e poder na Amazônia pré-colonial**. São Paulo (SP): EDUSP, 2008.

GOMES, Denise. Os Tapajó e os outros. In: MORALES, Walter; MOI Flavia. (Orgs.). **Cenários regionais em Arqueologia Brasileira**. São Paulo (SP): Annablume, 2009. p. 239-260.

GOMES, Denise. Os contextos e os significados da arte cerâmica dos Tapajó. In: PEREIRA, Edithe; GUAPINDAIA, Vera. (Orgs.). **Arqueologia Amazônica**, vol. 1. Belém (PA): MPEG/IPHAN/SECULT, 2010. p. 213-234.

GOMES, Denise. Cronologia e conexões culturais na Amazônia: as sociedades formativas da região de Santarém-PA. **Revista de Antropologia**, v. 54, n. 1, p. 269-314, 2011.

GOMES, Denise. O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 7, p. 133-159, 2012.

GOMES, Denise. A arqueologia amazônica e ideologia: uma síntese de suas interpretações. **Revista Arqueologia Pública**, v. 7, n. 1[7], p. 48–59, 2013.

GOMES, Denise; LUIZ, José. Contextos domésticos no Sítio Arqueológico do Porto, Santarém, Brasil, identificados com o auxílio da geofísica por meio do método GPR. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 8, n. 3, p. 639-656, 2013.

GOMES, Denise. Politics and Ritual in Large Villages in Santarém, Lower Amazon, Brazil. **Cambridge Archaeological Journal**, v. 27, n. 2, p. 275-293, 2017.

GOMES, Denise *et al.* Múltiplos territórios: os sítios vizinhos às grandes aldeias de Santarém, PA. **Revista de Arqueologia**, v. 31, n. 1, p. 3-24, 2018.

GOMES, Denise. História da arqueologia amazônica no Museu Nacional: diferentes narrativas. **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 1, p. 3-27, 2020.

GOMES, Denise. A arte do sonho: arqueologia urbana em Santarém, Baixo Amazonas. In: NAVARRO, Alexandre; FUNARI, Raquel. (Orgs.). **Memória, cultura material e sensibilidade**: estudos em homenagem a Pedro Paulo Funari. Jundiaí (SP): Paco Editorial; São Luís (MA): Edufma, 2021. p. 377-393.

GOMES, Denise. Images of Transformation in the Lower Amazon and the Performativity of Santarém and Konduri Pottery. **Journal of Social Archaeology**, v. 22, n. 1, p. 82-103, 2022.

GOMES, Denise *et al.* Archaeological Evidence of the Development of a Regional Society in Santarém (AD 1000–1600), Lower Amazon: A Path to Understanding Social Complexity. **Journal of World Prehistory**, v. 36, n. 2-4, p. 147-189, 2023.

GOMES, Denise. Urban Archaeology in the Lower Amazon: Fieldwork Uncovering Large Pre-Colonial Villages in Santarém City, Brazil. **Journal of Field Archaeology**, v. 50, n. 6, p. 1-20, 2025.

GUAPINDAIA, Vera. **Fontes históricas e arqueológicas sobre os Tapajó**: a Coleção Frederico Barata do Museu Paraense Emílio Goeldi. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 1993.

GUAPINDAIA, Vera. A cerâmica de Santarém: iconografia e história. In: GUAPINDAIA, Vera *et al.* (Orgs.). **Arte da terra**: resgate da cultura material e iconográfica do Pará. Belém (PA): SEBRAE, 1999. p. 34-43.

GUAPINDAIA, Vera. A cerâmica dos Tapajó. In: GORAYEB, Inocência. (Org.). **Amazônia II**. Belém (PA): RM Graph Ltda, 2010. p. 73-76.

GUAPINDAIA, Vera. **Além da margem do rio** – a ocupação Konduri e Pocó na região de Porto Trombetas, PA. Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

HARRT, Charles. Taperinha e os sítios dos moradores dos altos. In: HARTT, Charles. (Ed.). **Contribuições para a ethnologia do valle do Amazonas II**. Rio de Janeiro (RJ): Archivos do Museu Nacional do Rio de Janeiro, n. 6, p. 10-14, 1885.

HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius. **Shatters Among Sherds: A Study of Lithic Assemblages of the Upper Tapajós River**. Dissertation (Master’s in Arqueology) – University College London, London, 2015.

HONORATO, Vinicius. Under the Shelter: Archaeology in the Caves of Rurópolis, Amazonia, Brazil. In: SUNNUCKS, Laura; COOPER, Jago. (Eds.). **Mapping A New Museum**. Politics and Practice of Latin American Research With the British Museum. Translated by María Miranda. London (UK): Routledge, 2021. p. 27-37.

HONORATO, Vinicius; ROCHA, Bruna. Arqueologia dos povos da floresta. **Estudos Avançados**, v. 38, n. 112, p. 31-54, 2024.

JÁCOME, Camila. **Pelo Rio Mapuera**: reflexões sobre arqueologia e etnologia indígena na Amazônia e Guiana. Dissertação (Mestrado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2011.

JÁCOME, Camila. Aprender e ensinar, algumas reflexões sobre arqueologias indígenas. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, v. 2, p. 14-35, 2020.

JÁCOME, Camila; GLÓRIA, Elber. Halfway between the Guianas and Lower Amazon: archaeology in the Trombetas basin. In: BARRETO, Cristiana *et al.* (ed.). *Koriabo*. From the Caribbean sea to the Amazon river. Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2021. p. 145-162.

JÁCOME, Camila; WAI WAI, Jaime. A paisagem e as cerâmicas arqueológicas na bacia Trombetas: uma discussão da arqueologia Karaiwa e Wai Wai. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 15, n. 3, p. 1-25, 2020.

JÁCOME, Camila *et al.* Pluralidade dos acervos epistêmicos na Amazônia: história, gestão e desafios do Laboratório de Arqueologia Curt Nimuendajú (UFOPA). **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 3, 306-329, 2020.

JÁCOME, Camila *et al.* Corpos fragmentados feitos de olhares: perspectivas Wai Wai e Karaiwa. **Revista de Arqueologia**, v. 36, n. 3, p. 390-423, 2023.

JÁCOME, Camila. Amazônia – A floresta das gentes. In: RIBEIRO, Loredana; JÁCOME, Camila. (Orgs.). **Histórias para descolonizar as ciências**: intervenções feministas e antirracistas para educação crítica. Santarém (PA): Edufopa, 2025. p. 77-111.

JÁCOME, Camila. **Do Waiwai ao Pooco** - fragmentos da história e arqueologia dos povos dos rios Mapuera (*Mawtohrî*), Cachorro (*Katxuru*) e Trombetas (*Kahu*). Tese (Doutorado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

JESUS, Hudson. **Traços dos Tapajó**: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém (PA-ST-42). Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.

JESUS, Hudson; REBELLATO, Lilian. Avaliação arqueológica em artefatos cerâmicos encontrados em Santarém: áreas 4A e 4B do Sítio Porto. In: SILVESTRE, Luciana. (Org.). **As ciências humanas e sociais aplicadas e a competência no desenvolvimento humano**, vol. 1. Ponta Grossa (MS): Atena Editora, 2019. p. 180-192.

JESUS, Hudson. Patrimônio *Tapajowara* no Sítio Porto: herança cultural e resistência étnica na região de Santarém, Rio Tapajós. **Revista de Ciências Humanas CAETÉ**, v. 6, n. 2, p. 86-102, 2019.

JESUS, Hudson. Traços dos Tapajó: análises de cerâmicas arqueológicas do Sítio Porto de Santarém (PA-ST-42). In: MAGESTE, Leandro *et al.* (Orgs.). **Arqueologia e patrimônio**: vol. I – experiências, métodos e teorias. São Raimundo Nonato (PI): Univasf, 2020a. Cap. 7, p. 92-105.

JESUS, Hudson. *Yâdé Kiirîbawa Yepé Wasú!* Nossa união é nossa força. Uma reflexão sobre a luta Tupinambá pela defesa de seu território. In: BARROS, Márcio. (Org.). **Anais do III seminário de pesquisa em políticas públicas e dinâmicas territoriais na Amazônia**. Ananindeua (PA): Itacaiúnas, 2020b. p. 179-188.

JESUS, Hudson. Entre vivências e cerimônias: estudo arqueológico de contexto cerâmico em Santarém, Pará. **Tarairiú**, v. 1, n. 18, p. 77-93, 2021.

JESUS, Hudson. *Yané Rêdáwa Têdáwa São Francisco*: arqueologia ancestral na Terra Indígena Tupinambá, Rio Tapajós, Amazônia. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2022a.

JESUS, Hudson. *Yâdé Kiirîbawa Yepé Wasú!* Reflection on the Tupinambá Battle for the Protection Your Territory. **Revista Arqueologia Pública**, v. 17, p. 1-30, 2022b.

JESUS, Hudson; OLIVEIRA, Luanna. Vivência como professor na Escola Indígena Suraraitá Tupinambá, Rio Tapajós, Amazônia. **Amazônida**, v. 8, n. 1, p. 1-19, 2023.

JESUS TUPINAMBÁ, Hudson. Arqueologia ancestral na aldeia São Francisco, Baixo Tapajós, Amazônia. **Habitus**, v. 21, n. 1, p. 74-86, 2023.

JESUS, Hudson. *Yâdé Kiirîbawa Yepé Wasú!* Uma reflexão sobre a luta Tupinambá em defesa do seu território. **Caderno 4 Campos**, v. 7, n. 2, p. 39-64, 2023.

JESUS TUPINAMBÁ, Hudson. Que mudanças os indígenas estão trazendo para a antropologia: olhares sobre a variedade de estilos de antropologia indígena no Brasil. **Ñanduty**, v. 12, n. 19, p. 246-257, 2024.

JESUS, Hudson. Arqueologia por quilombolas no Brasil: uma narrativa Tupinambá do Baixo Tapajós, Santarém. **Revista de Arqueologia**, v. 37, n. 1, p. 126-136, 2024.

JESUS TUPINAMBÁ, Hudson; GAMA KUMARUARA, Diana. Arqueologia indígena na Amazônia, Brasil: concepções e panoramas. **Revista de Arqueologia**, v. 38, n. 3, p. 102-127, 2025.

KÃMPF, Nestor *et al.* Classificação das terras pretas de índio e outros solos antrópicos antigos. In: TEIXERA, Wescelau *et al.* (Eds.). **As terras pretas de índio da Amazônia**: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus (AM): Embrapa Amazônia Ocidental, 2010. p. 87-102.

KERN, Dirse *et al.* Evolução do conhecimento em terra preta de índio. In: TEIXERA, Wescelau *et al.* (Eds.). **As terras pretas de índio da Amazônia**: sua caracterização e uso deste conhecimento na criação de novas áreas. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2009. p.72-81.

LATHRAP, Donald. Aboriginal Occupation and Changes in River Channel on the Central Ucayali, Peru. **American Antiquity**, v. 33, n. 1, p. 62-79, 1968.

LATHRAP, Donald. **The Upper Amazon**. New York (US): Praeger Publishers, 1970.

LATHRAP, Donald. The Tropical Forest and the Cultural Context of Chavín. In: BENSON, Elizabeth. (Ed.). **Dumbarton Oaks Conference on Chavín**. Washington (US): umbarton Oaks Research Library & Collection, 1971. p. 73-100.

LATHRAP, Donald. The Antiquity and Importance of Long-Distance Trade relationship in the Moist Tropics of Pre-Columbian South America. **World Archaeology**, v. 5, n. 2, p. 170-186, 1973.

LATHRAP, Donald. The Moist Tropics, the Arid Lands, and the Appearance of Great Art Styles in the New World. In: KING, Mary; TRAYLOR JR, Idris. (Eds.). **Art and Environment and Native North America**. Lubbock (US): Texas Tech Press, 1974. v. 7, p. 115-158.

LATHRAP, Donald. Our Father the Cayman, Our Mother the Gourd: Spinden Revisited or a Unitary Model for the Emergence of Agriculture in the New World. In: REED, Charles. (Ed.). **Origins of Agriculture**. The Hague: Mouton Publishers, 1977. p. 713-75.

LIMA, Anderson. Cerâmica Santarém de estilo globular. In: BARRETO, Cristiana *et al.* (Orgs.) **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia**: rumo a uma nova síntese. Belém (PA): Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016. p. 253-261.

LIMA, Anderson. **Contextualização espacial, histórica e tecnológica dos muiraquitãs**. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2017.

LIMA, Anderson. A ecologia de assentamentos, interações sociais ameríndias e o contexto geográfico dos muiraquitãs no baixo Amazonas. **Cadernos do Lepaarq**, v. 15, n. 30, p. 121-41, 2018.

LIMA, Anderson *et al.* Os discos perfurados do período Tapajônico: análise tecnológica e questões contextuais. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 15, n. 3, p. 1-21, 2020.

LIMA, Anderson. **Os Tapajó enterravam seus mortos?** Reflexões sobre tratamentos funerários entre os Tapajó. Dissertação (Mestrado em Diversidade Sociocultural) – Museu Paraense Emílio Goeldi, Belém, 2024a.

LIMA, Anderson. O lugar do muiraquitã no centro de imaginários na Amazônia brasileira. **Revista de Arqueologia**, v. 37, n. 2, p. 170-192, 2024b.

MACDONALD, Regina. The Order of the Things: An Analysis of Ceramics From Santarém, Brazil. **Journal of the Steward Anthropological Society**, v. 4, n. 1, p. 39-55, 1972.

MARTINS, Cristiane *et al.* Padrões de sepultamento na periferia do domínio Tapajó. **Amazônica**, v. 2, n. 1, p. 167-171, 2010.

MARTINS, Cristiane. Os moradores do centro: ocupações indígenas pré-coloniais no Baixo Tapajós. In: SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém (PA): JKNoronha, 2012a. p. 37-55.

MARTINS, Cristiane. **Arqueologia do Baixo Tapajós**: ocupação humana na periferia do domínio Tapajônico. Dissertação (Mestrado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém 2012b.

MARTINS, Cristiane. Sobre contatos e fronteiras: um enfoque arqueológico. **Amazônica**, v. 4, n. 1, p. 150-182, 2012c.

MCCANN, Joseph. **Subsidy From Culture**: Anthropogenic Soils and Vegetation in Tapajonia, Brazilian Amazonia. Thesis (PhD in Geography) – University of Wisconsin, Madison (US), 2002.

MCCANN, Joseph *et al.* Organic matter and Anthrosols in Amazonia: interpreting the Amerindian legacy. In: REES, Robert *et al.* (Eds.). **Sustainable Management of Soil Organic Matter**. Wallingford (UK): CAB International, 2001. p. 180-189.

MEGGERS, Betty. The Archeology of the Amazon Basin. In: STEWARD, Julian. (Ed.). **Handbook Of South American Indians**. Vol. 3: The Tropical Forest Tribes. Washington (US): United States Government Publishing Office, 1948. p. 149-166.

MEGGERS, Betty. Environmental Limitation on the Development of Culture. **American Anthropologist**, v. 56, n. 5, p. 801-824, 1954.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. **Archeological Investigations at the Mouth of the Amazon**. Washington (US): Government Printing Office, 1957.

MEGGERS, Betty; EVANS, Clifford. An Experimental Formulation of Horizon Styles in the Tropical Forest of South America. In: LOTHROP, Samuel. (Ed.). **Essays in Pre-Columbian Art and Archaeology**. Harvard (US): Harvard University Press, 1961. p. 372-388.

MEGGERS, Betty. **Amazônia**: a ilusão de um paraíso. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia, 1987.

MEGGERS, Betty. Reconstrução do comportamento locacional pré-histórico na Amazônia. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 6, n. 2, p. 183-203, 1990.

MEGGERS, Betty. Cultural Evolution in Amazonia. In: RAMBO, A. Terry; GILLOGLY, Kathleen. (Eds.). **Profiles In Cultural Evolution**. Papers from a Conference in Honor of Elman R. Service. Ann Arbor (US): University of Michigan Museum of Anthropological Archaeology, 1991. p. 191-216.

MEGGERS, Betty. Judging the Future by the Past: The Impact of Environmental Instability on Prehistoric Amazonian Population. In: SPONSEL, Leslie. (Ed.). **Indigenous Peoples and the Future of Amazonia: An Ecological Anthropology of an Endangered World**. Tucson (US): University of Arizona Press, 1995. p. 15-43.

MEGGERS, Betty. O paraíso ilusório revisitado. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n. 8, p. 33-55, 1998.

MEGGERS, Betty. The Continuing Quest for el Dorado: Round Two. **Latin American Antiquity**, v. 12, n. 3, p. 304-25, 2001.

MEGGERS, Betty. Sustainable Intensive Exploitation of Amazonia: Cultural, Environmental, and Geopolitical Perspectives. In: HORNBERG, Alf; CRUMLEY, Carole. (Eds.). **The World System and the Earth System**. Global Socioenvironmental Change and Sustainability Since the Neolithic. Walnut Creek (US): Left Coast Press, 2006. Cap. 13, p. 195-209.

MORAES–EWEJIMI, Irislane. **Patrimônio arqueológico do Sudeste do Pará**: celebração do espaço – Serra das Andorinhas, São Geraldo do Araguaia. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2008.

MORAES–EWEJIMI, Irislane. **Centralidades do patrimônio na Amazônia**: considerando as percepções de mulheres agricultoras em um projeto de educação patrimonial na região de Itaituba-PA. Monografia de Conclusão de Curso (Especialização em Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2010.

MORAES–EWEJIMI, Irislane. **Do tempo dos pretos d’antes aos povos do Aproaga**: patrimônio arqueológico e territorialidade quilombola no vale do rio Capim/PA. Dissertação (Mestrado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2012.

MORAES–EWEJIMI, Irislane; BEZERRA, Márcia. Na beira da faixa: um estudo de caso sobre o patrimônio arqueológico, as mulheres e as paisagens na Transamazônica. In: SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém (PA): GKNoronha, 2012. p. 109-134.

MORAES–EWEJIMI, Irislane. **Arqueologia ‘na flor da terra’ quilombola**: ancestralidade e movimentos Sankofa no território dos povos do Aproaga – Amazônia paraense. Tese (Doutorado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2021.

MORAES–EWEJIMI, Irislane *et al.* Arqueologia, lugar de fala e conexões afrodiaspóricas: experiências no território quilombola dos povos do Aproaga – Amazônia paraense. **Cadernos do LEPAARQ**, v. 19, n. 37, p. 55-74, 2022.

MORAES–EWEJIMI, Irislane; LUZ, Manoel. Maria América dos Santos – a América é quilombola. In: MARINHO, Thaís; SIMONI, Rosinalda. (Orgs.). **Dicionário biográfico**: histórias entrelaçadas de mulheres afrodiaspóricas. Goiânia (GO): Tempestiva, 2024, p. 443-456.

MORAES, Claide *et al.* Os artesãos das Amazonas: a diversidade da indústria lítica dos Tapajó e o muiiraquitã. In: ROSTAIN, Stéphen. (Ed.). **Amazonía**. Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito, Ecuador: MCCTH/SENESCYT/3EIAA, 2014. p. 133-140.

MORAES, Claide. O papel da arqueologia brasileira na discussão sobre os cenários e os processos das primeiras ocupações humanas das Américas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 14, n. 2, p. 259-262, 2019.

MORAES, Claide. Lugares do passado e escolhas do presente: arqueologia com os Zo’e. **Revista Brasileira de Linguística Antropológica**, v. 15, n. 1, p. 101-129, 2023.

MUNIZ, Tiago. **Arqueologia histórica no Sítio Aldeia (Santarém, PA)**: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

MUNIZ, Tiago; GOMES, Denise. Identidades materializadas na Amazônia colonial: a cerâmica dos séculos XVIII e XIX do Sítio Aldeia, Santarém, PA. **Vestígios**, v. 11, n. 2, p. 52-76, 2017.

MUNIZ, Tiago; PEREIRA, Isabel. Arqueologia histórica no médio Amazonas: a região de Santarém sob olhar da etnohistória e arqueologia do presente. **Revista Ciências da Sociedade**, v. 1, n. 2, p. 139-155, 2017.

MUNIZ, Tiago. Materiais e fluxos na Amazônia colonial: evidências da presença de africanos escravizados no Sítio Aldeia (Santarém, Pará). **Revista de Arqueologia**, v. 32, n. 2, p. 16-35, 2019.

MUNIZ, Tiago. Towards an Archaeology of Rubber. **Brasiliana**, v. 9, n. 2, p. 233-251, 2021.

MUNIZ, Tiago. **Da materialidade do período da borracha (1850-1920) aos agentes do deus elástico durante o século XIX no Baixo Amazonas**: emaranhamentos em um presente emergente. Tese (Doutorado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2022.

NEVES, Eduardo. **Paths in Dark Waters**: Archaeology as Indigenous History in the Northwest Amazon. Thesis (PhD in Anthropology) – Indiana University, Bloomington (US), 1998a.

NEVES, Eduardo. Arqueologia, história indígena e o registro etnográfico: exemplos do alto rio Negro. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, n.3, p. 319-330, 1998b.

NEVES, Eduardo. The Relevance of Curt Nimuendajú's Archaeological Work. In: NIMUENDAJU, Curt. **In Pursuit of a Past Amazon**: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region. Edited by Per Stenborg. Translations by Stig Rydén, Per Stenborg, Eduardo Neves and Maria Duarte. Gothenburg, Sweden: Elanders Infologistik, 2004. p. 2-8.

NEVES, Eduardo. Tradição oral e arqueologia na história indígena do Alto Rio Negro. In: FORLINE; Louis *et al.* (Orgs.). **Amazônia**. Além dos 500 Anos. Belém: Editora do Museu Paraense Emílio Goeldi, 2006. p. 1-37.

NEVES, Eduardo *et al.* A tradição Pocó-Açutuba e os primeiros sinais visíveis de modificações de paisagens na calha do Amazonas. In: ROSTAIN, Stéphen. (Ed.). **Amazonía**. Memórias de Las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito, Ecuador: MCCTH/SENESCYT/3EIAA, 2014. p. 137-158.

NEVES, Eduardo. Santarém: a cidade de todos os tempos. **National Geographic**, p. 79-89, 2015.

NEVES, Eduardo. **Sob os tempos do equinócio**: oito mil anos de história na Amazônia Central. São Paulo (SP): Ubu/EDUSP, 2022.

NIMUENDAJU, Curt. Os Tapajó. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 10, p. 93-108, 1949.

NIMUENDAJU, Curt. The Tapajó. **Kroeber Anthropological Society Papers**, v. 6, n. 2, p. 1-25, 1952.

NIMUENDAJU, Curt. **In Pursuit of a Past Amazon: Archaeological Researches in the Brazilian Guyana and in the Amazon Region**. Edited by Per Stenborg. Translations by Stig Rydén, Per Stenborg, Eduardo Neves and Maria Duarte. Gothenburg, Sweden: Elanders Infologistik, 2004.

PALMATARY, Helen. Tapajó Pottery. **Ethnological Studies**, n. 8, p. 1-136, 1939.

PALMATARY, Helen. The Archaeology of the Lower Tapajós Valley, Brazil. **Transactions of the American Philosophical Society**, v. 50, n. 3, p. 1-243, 1960.

PEREIRA, Edithe; MORAES, Claide. A cronologia das pinturas rupestres da Caverna da Pedra Pintada, Monte Alegre, Pará: revisão histórica e novos dados. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 14, n. 2, p. 327-342, 2019.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela. **Um Cas de Subsistance Par Pêche en Amazonie: Le Site Archéologique de Hatahara (Amazonas, Brésil)**. Dissertation (Master em Quaternaire et Préhistoire) – Museum National d’Histoire Naturelle, Paris, 2013.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* A Case of Subsistence Fishery in an Amazonian Pre-Columbian Settlement: The Hatahara Site (Amazonas-Brazil). **Journal of Archaeological Science: Reports**, v. 8, p. 454-462, 2016.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela. **La Pêche Dans le Sud-Ouest de l’Amazonie au Cours de l’Holocène: Étude des Sites de Loma Salvatierra (Bolivie) et Monte Castelo (Brésil)**. Thesis (Doctorat em Sciences de la Nature et de l’homme) – Muséum National d’histoire Naturelle, Paris / Universidade de São Paulo, São Paulo, 2017.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela; BÉAREZ, Philippe. Swamp-Eel (*Synbranchus spp.*) Fishing in Amazonia from Pre-Columbian to Present Times. **Journal of Ethnobiology**, v. 37, n. 3, p. 380-397, 2017.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Size Estimation of *Synbranchus Marmoratus* and *Synbranchus Madeirae* (Teleostei) Based on Isolated Cranial and Post-Cranial Bones. **CYBIUM**, v. 42, n. 2, p. 201-207, 2018.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Pre-Hispanic Fishing Practices in Interfluvial Amazonia: Zooarchaeological Evidence From Managed Landscapes on the Llanos de Mojos Savanna. **PLoS One**, v. 14, n. 5, p. 1-29, 2019.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Archaeological History of Middle Holocene Environmental Change From Fish Proxies at the Monte Castelo Archaeological Shell Mound, Southwestern Amazonia. **The Holocene**, v. 30, n. 11, p. 1606-1621, 2020a.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* **Los Peces del Río Iténez.** Conocimiento Local de la Comunidad Versalles. La Paz, Bolivia: Plural Editores, 2020b.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Waterscapes Domestication: An Alternative Approach for Interactions Among Humans, Animals, and Aquatic Environments in Amazonia Across Time. **Animal frontiers**, v. 11, n. 3, p. 92-103, 2021a.

PRESTES-CARNEIRO, Gabriela *et al.* Reconstructing Freshwater Fishing Seasonality in a Neotropical Savanna: First Application of Swamp Eel (*Synbranchus Marmoratus*) Sclerochronology to a Pre-Columbian Amazonian Site (Loma Salvatierra, Bolivia). **Journal of Archaeological Science: Reports**, v. 37, n. 3, p. 1-41, 2021b.

QUINN, Ellen. **Excavating "Tapajó" Ceramics at Santarém:** Their Age and Archaeological Context. Thesis (PhD in Anthropology) – University of Illinois Chicago, Chicago (US), 2004.

PINTO, Elaine. **Arqueologia quilombola:** os processos de ocupação em Murumurutuba. 2023. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2023.

PINTO, Rafaela. **Estudar a história de um quilombo é uma forma de resistir:** estudo de caso, Murumurutuba/PA. 2023. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2023.

PINTO *et al.* Arqueologia quilombola: um estudo de caso da comunidade de Murumurutuba, Santarém (PA). In: HISSA, Sara *et al.* (Org.). **Arqueologias históricas nos rios Tapajós, Trombetas e Amazonas.** Curitiba: Appris Editora, 2024.

RAMOS DE SÁ, Francielly *et al.* Entre vértebras, carapaças e dentes: o que nos revelam os vestígios faunísticos amazônicos do alto Tapajós? **Revista Tempo Amazônico**, v. 3, n. 1, p. 104-199, 2015.

RABELO, Andréa. **Aspectos pedológicos e sentidos da terra preta na comunidade quilombola de Bom Jardim/Santarém - PA.** Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2015.

RAPP PY-DANIEL, Anne. Como os contextos funerários nos ajudam a entender os vivos na Amazônia Pré-Colombiana. In: ROSTAIN, Stéphen. (Ed.). **Amazônia.** Memórias de Las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito, Ecuador: MCCTH/SENESCYT/3EIAA, 2014a. p. 157-165.

RAPP PY-DANIEL, Anne *et al.* **Uma Santarém mais antiga sob o olhar da arqueologia.** Belém: Museu Paraense Emílio Goeldi, 2017.

RAPP PY-DANIEL, Anne *et al.* Dinâmicas de ocupação da região do rio Ituqui/Paraná do Maicá, Santarém/PA: 8000 anos até o presente. **Revista Arqueologia Pública**, v. 18, n. 1, p. 1-24, 2023.

REBELLATO, Lilian. **Interpretando a variabilidade cerâmica e as assinaturas químicas e físicas do solo no Sítio Arqueológico Hatahara – AM**. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007.

REBELLATO, Lilian *et al.* Pre-Columbian Settlement Dynamics in the Central Amazon. In: WOODS, William *et al.* (Eds.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek’s Vision**. Dordrecht, Netherlands: Springer Science & Business Media, 2009. p. 15-31.

REBELLATO, Lilian. Solos antrópicos da Amazônia: terras pretas de índio e arqueologia. **Amazônica**, v. 2, n. 2, p. 362-369, 2010.

REBELLATO, Lilian. **Amazonian Dark Earths: A Case Study in the Central Amazon**. Thesis (PhD in Geography) – University of Kansas, Kansas (US), 2011.

REBELLATO, Lilian; WOODS, William. A Review of the Tupi Expansion in the Amazon. In: CRAWFORD, Michael; CAMPBELL, Benjamin. (Orgs.). **Causes and Consequences of Human Migration: An Evolutionary Perspective**. Cambridge: Cambridge University Press, 2012. Chapter 21, p. 436-438.

REBELLATO, Lilian. The History of the Research of Amazonian Dark Earths in Brazil. In: SMITH, Claire (Ed.). **Encyclopedia of Global Archaeology**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2020. p. 5204-5208.

ROCHA, Bruna; HONORATO, Vinícius. Arqueologia regional do alto Tapajós. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, suplemento 11, p. 57-62, 2011.

ROCHA, Bruna. **What Can Ceramic Decoration Tell us About the Pre- and Post- Colonial Past on the Upper Tapajós River?**. Dissertation (Master in Archaeology) – University College London, London (UK), 2012.

ROCHA, Bruna *et al.* Arqueologia pelas gentes: um manifesto. Constatções e posicionamentos críticos sobre a arqueologia brasileira em tempos de PAC. **Revista de Arqueologia**, v. 26, n. 1, 130-140, 2013.

ROCHA, Bruna *et al.* Na margem e à margem: arqueologia amazônica em territórios tradicionalmente ocupados. **Amazônica**, v. 6, n. 2, p. 360-384, 2014.

ROCHA, Bruna; HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius. Floresta virgem? O longo passado humano da bacia do Tapajós. In: ALARCON, Daniela *et al.* (Orgs.). **Ocekadi: hidrelétricas, conflitos socioambientais e resistência na bacia do Tapajós**. Brasília, DF: International Rivers Brasil; Santarém, PA: Programa de Antrplogia e Arqueologia, Universidade Federal do Oeste do Pará, 2016a. Cap. 19, p. 395-415.

ROCHA, Bruna; HONORATO DE OLIVEIRA, Vinicius. Virgin Forest? The Long Human Past of the Tapajós Valley. **Alternautas**, v. 3, n. 2, p. 11-35, 2016b.

ROCHA, Bruna. *Ipi Ocemumuge: A Regional Archaeology of the Upper Tapajós River*. Thesis (PhD in Archaeology) – University College London, London (UK), 2017.

ROCHA, Bruna. The Incised Punctate Tradition: Evidence of a ‘Lingua Franca’ in Operation? A View From One of its Peripheries. In: BARRETO, Cristiana *et al.* (Ed.). **Koriabo**. From the Caribbean Sea to the Amazon River. Belém (PA): Museu Paraense Emílio Goeldi, 2020a. p. 267-286.

ROCHA, Bruna. Rescuing’ the Ground From Under Their Feet?: Contract Archaeology and Human Rights Violations in the Brazilian Amazon. In: APAYDIN, Veysel. (Ed.). **Critical Perspectives on Cultural Memory and Heritage**. Construction, Transformation and Destruction. London (UK): UCL Press, 2020b. Chapter 10, p. 169-188.

ROCHA, Bruna; HONORATO, Vinicius. Historical Ecology as an instrument in defence of forest peoples: reflections from the Tapajós River, Brazil. In: ODONNE, Guillaume; MOLINO, Jean-François. (Orgs.). **Methods in Historical Ecology**. Insights from Amazonia. London (UK): Routledge, 2020. p. 153-161.

ROCHA, Bruna; LOURES, Rosamaria. A expropriação territorial e o Covid-19 no alto Tapajós, PA. In: ALMEIDA, Alfredo *et al.* (Orgs.). **Pandemia e território**. São Luís, MA: UEMA Edições/PNCSA, 2020. p. 337-367.

ROCHA, Bruna *et al.* L’Héritage Culturel du Tapajós. Depuis les Bibliothèques et les Sanctuaires des Peuples de la Forêt Aujourd’hui, Jusqu’aux Fiches Industrielles du Capitalisme Naissant. In: **Fordlândia**. Suspended Spaces. (Org.). Paris, France: Suspended spaces/Les Presses du réel, 2020. p. 106-112.

ROCHA, Bruna *et al.* Histórias entrelaçadas: indígenas, beiradeiros e colonos acima das cachoeiras do Tapajós. In: COLARES, Paula *et al.* (Orgs.). **Políticas, concepções e práticas de ação afirmativa**: reflexões a partir de uma universidade Amazônica. Brasília, DF: Rosivan Diagramação & Artes Gráficas, 2021. p. 41-63.

ROCHA, Bruna *et al.* Espoliação e resistência em territórios tradicionalmente ocupados nas bacias do Tapajós e Trombetas, Pará. **Ambiente & Sociedade**, v. 24, p. 1-21, 2021.

ROCHA, Bruna *et al.* **Tapajós sob o Sol**: mergulho nas características ecológicas, socioculturais e econômicas da bacia hidrográfica. Brasília, DF: International Rivers, 2022.

ROCHA, Bruna; HONORATO, Vinicius. **Trilhando para o apagamento cultural**: a Ferrogrão e as ameaças ao patrimônio histórico e arqueológico do Tapajós. Brasília, DF: Instituto de Estudos Socioeconômicos, 2025.

ROOSEVELT, Anna. Chiefdoms in Amazon and Orinoco. In: DRENNAN, Robert; URIBE, Carlos. (Eds.). **Chiefdoms in Americas**. Lanham (US): University Press of America, 1987. p. 153-185.

ROOSEVELT, Anna. **Moundbuilders of the Amazon: Geophysical Archaeology on Marajo Island, Brazil.** San Diego (US): Academic Press, 1991.

ROOSEVELT, Anna *et al.* Eighth Millennium Pottery From a Prehistoric Shell Midden in the Brazilian Amazon. **Science**, v. 254, n. 5038, p. 1621-1624, 1991.

ROOSEVELT, Anna. Arqueologia Amazônica. Tradução de John M. Monteiro. In: CUNHA, Manuela. (Org.). **História dos índios do Brasil.** 2ª ed. São Paulo (SP): Companhia das Letras/Secretaria Municipal de Cultura/ FAPESP, 1992 [1998]. p. 53-86.

ROOSEVELT, Anna. Early Pottery in the Amazon: Twenty Years of Scholarly Obscurity. In: BARNETT, William; HOOPEES, John. (Eds.). **The Emergence of Pottery: Technology and Innovation in Ancient Societies.** Washington (US): Smithsonian Institution, 1995. p. 115-131.

ROOSEVELT, Anna *et al.* Paleoindian Cave Dwellers in the Amazon: The Peopling of the Americas. **Science**, v. 272, n. 5260, p. 373-384, 1996.

ROOSEVELT, Anna. Paleoindian and Archaic Occupations in the Lower Amazon, Brazil: A Summary and Comparison. In: PLEW, Mark. (Ed.). **Festschrift Honoring Wesley Hurt.** Lanham (US): University Press of America, 1998. p. 165-192.

ROOSEVELT, Anna. The Development of Prehistoric Complex Societies: Amazonia, a Tropical Forest. In: BACUS, Elisabeth; LUCERO, Lisa. (Eds.). **Complex Politics in the Ancient Tropical World.** Washington (US): Archaeological Papers of the American Anthropological Association, 1999a, n. 9, p. 13-34.

ROOSEVELT, Anna. The Maritime-Highland-Forest Dynamic and the Origins of Complex Society. In: SALOMON, Frank; SCHWARTZ, Stewart. (Eds.). **The Cambridge History of Native Peoples of the Americas, Volume III: South America.** Cambridge (UK): Cambridge University Press, 1999b. p. 264-349.

ROOSEVELT, Anna. The Lower Amazon: A Dynamic Human Habitat. In: LENTZ, David. (Ed.). **Imperfect Balance: Landscape Transformations in the Precolumbian Americas.** New York (US): Columbia University Press, 2000. p. 455-491.

ROOSEVELT, Anna. Clovis in Context: New Light on the Peopling of the Americas. **Human Evolution**, v. 17, n. 1, p. 95-112, 2002.

ROOSEVELT, Anna *et al.* The Migrations and Adaptations of the First Americans: Clovis and Pre-Clovis Viewed from South America. In: JABLONSKI, Nina. (Ed.). **The First Americans: The Pleistocene Colonization of the New World.** San Francisco (US): California Academy of Sciences, 2002. p. 159-236, 2002.

ROOSEVELT, Anna. Geophysical Archaeology in the Lower Amazon: A Research Strategy. In: WISEMAN, James; EL-BAZ, Farouk. (Eds.). **Remote Sensing in Archaeology.** New York (US): Springer, 2007. p. 435-467.

ROOSEVELT, Anna. A Historical Memoir of Archaeological Research in Brazil (1981-2007). **Boletim Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 4, n. 1, p. 155-170, 2009a.

ROOSEVELT, Anna. Landscape Concepts of Amazonia: Prehistory to the Present. In: SILVEIRA, Flavio; CANCELA, Cristina. (Eds.). **Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade**. Belém (PA): Edufpa, 2009b. p. 23-40.

ROOSEVELT, Anna *et al.* Early Hunter in the Terra Firme Rainforest: Stemmed Projectile Points From the Curuá Goldmines. **Amazônica**, v. 1, n. 2, p. 442-483, 2009.

ROOSEVELT, Anna *et al.* Early Mounds and Monumental Art in Ancient Amazonia: History, Scale, Function, and Social Ecology. In: BURGUER, Richard; ROSENSWIG, Robert. (Eds.). **Early New World Monumentality**. Gainesville (US): University of Press Florida, 2012. Cap. 10, p. 255-288.

ROOSEVELT, Anna. The Amazon and the anthropocene: 13,000 years of human influence in a tropical rainforest. **Anthropocene**, v. 4, p. 69-87, 2013.

SCHAAN, Denise. **A linguagem iconográfica da cerâmica marajoara**. Um estudo da arte pré-histórica na Ilha de Marajó, Brasil (400-1300 AD). Porto Alegre (RS): Edipucrs, 1997.

SCHAAN, Denise. A ceramista, seu pote e sua tanga: identidade e papéis sociais em um Cacicado Marajoara. **Revista de Arqueologia**, v. 16, n. 1, p. 31-45, 2003.

SCHAAN, Denise. **The Camutins Chiefdom: Rise and Development of Social Complexity on Marajo Island**. Thesis (PhD in Anthropology/Archaeology) – University of Pittsburgh, Pittsburgh (US), 2004.

SCHAAN, Denise. Uma janela para a história pré-colonial da Amazônia: olhando além – e apesar – das Fases e Tradições. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, n. 2, v. 1, p. 77-89, 2007.

SCHAAN, Denise. The Non-Agricultural Chiefdoms of Marajo Island. In: SILVERMAN, Helaine; ISBELL, William. (Orgs.). **Handbook of South American Archaeology**. New York (US): Springer, 2008. p. 339-357.

SCHAAN, Denise. A Amazônia em 1491. **Especiaria**, v. 11/12, n. 20/21, p. 55-82, 2009.

SCHAAN, Denise *et al.* An Assessment of the Cultural Practices Behind the Formation (or not) of Amazonian Dark Earths in Marajó Island Archaeological Sites. In: WOODS, William *et al.* (Eds.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek’s Vision**. Dordrecht, Netherlands: Springer Science & Business Media, 2009. Chapter 6, p. 127-141.

SCHAAN, Denise. Long-Term Human Induced Impacts on Marajó Island Landscapes, Amazon Estuary. **Diversity**, v. 2, n. 2, p. 182-206, 2010.

SCHAAN, Denise. Curt Nimuendajú: "O ser que cria ou faz o seu próprio lar". In: SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém (PA): GKNoronha, 2012a. p. 99-107.

SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém (PA): GKNoronha, 2012b.

SCHAAN, Denise. **Sacred Geographies of Ancient Amazonia**: Historical Ecology of Social Complexity. Walnut Creek (US): Left Coast Press, 2012c.

SCHAAN, Denise; LIMA, Anderson. A grande expansão geográfica dos Tapajó. In: SCHAAN, D. (Org.). **arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada**: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará. Belém (PA): GKNoronha, 2012. p. 17-35.

SCHAAN, Denise. Chronology of Landscape Transformation in Amazonia. In: ROSTAIN, Stéphen. (Ed.). **Amazonia**. Memorias de las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito, Ecuador: MCCTH/SENESCYT/3EIAA, 2014. p. 51-72.

SCHAAN, Denise. A indústria cerâmica dos Tapajó. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. Belém (PA): Gráfica Supercores, 2015. p. 101-114.

SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. Apresentação: arqueologia no porto de Santarém. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. Belém (PA): Gráfica Supercores, 2015a. p. 9-15.

SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. As escavações no Sítio Porto de Santarém. In: SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. Belém (PA): Gráfica Supercores, 2015b. Cap. 2, p. 35-59.

SCHAAN, Denise; ALVES, Daiana. (Orgs.). **Um porto, muitas histórias**: arqueologia em Santarém. Belém (PA): Gráfica Supercores, 2015c.

SCHAAN, Denise. Discussing Centre-Periphery Relations Within the Tapajó Domain, Lower Amazon. In: STENBORG, Per. (Ed.). **Beyond Waters**: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland. Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg Press, 2016. p. 23-36.

SILVA, Ana. **De mãe para filhos**: transmissão de conhecimento e (re)apropriação do passado arqueológico. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2018.

SILVA, Ana Arapiun. “**No meio do pitiú**”: diversidade e antiguidade de sambaquis amazônicos. Dissertação (Mestrado em Arqueologia) – Universidade Federal de Sergipe, Aracaju, 2022.

SILVA, Anna. **Do luxo ao lixo**: um estudo arqueológico do material cerâmico dos bolsões do Sítio Porto de Santarém, Baixo Amazonas. Dissertação (Mestrado em Antropologia/Arqueologia) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2016.

SILVA, Elinalda. **Uso das plantas na caça e pesca** – a cultura material das antigas armadilhas indígenas e as tecnologias perecíveis no baixo Tapajós, Povo Kumaruara. Monografia de Conclusão de Curso (Graduação em Arqueologia) – Universidade Federal do Oeste do Pará, Santarém, 2022.

SILVA, Francini. Metodologia empregada na recuperação de macro-restos vegetais em três sítios arqueológicos na região da Amazônia Central. **Revista do Museu de Arqueologia e Etnologia**, suplemento 11, n. 11, p. 51-56, 2011.

SILVA, Francini *et al.* Balaios de plantas e animais: conservação de macrovestígios orgânicos arqueológicos. **Revista de Arqueologia**, v. 33, n. 3, p. 279-305, 2020.

SILVA, Francini *et al.* Flautas, banhas e caxiris: os gestos e os materiais perecíveis do passado resgatados no presente. **Revista de Arqueologia**, v. 34, n. 3, p. 255-282, 2021.

SILVA, Wagner; ARAUJO DA SILVA, Tallyta. Artefatos para abrasão e polimento: calibradores/abrasadores e polidores do Sítio Porto de Santarém. **Moitará**, v. 10, n. 9, p. 13-25, 2022.

SILVEIRA, Maura; SCHAAN, Denise. Onde a Amazônia encontra o mar: estudando os sambaquis do Pará. **Revista de Arqueologia**, v. 18, n. 1, p. 67-79, 2005.

SMITH, Nigel. Anthrosols and Human Carrying Capacity in Amazonia. **Annals of the Association of American Geographers**, v. 70, n. 4, p. 553-566, 1980.

SOMBROEK, Wim. **Amazon Soils**: A Reconnaissance of the Soils of the Brazilian Amazon Region. Wageningen, Netherlands: Pudoc, 1966.

STENBORG, Per *et al.* The Cultivated Wilderness Project. Hinterland Archaeology in the Belterra Region, Pará, Brasil. In: ROSTAIN, Stéphen. (Ed.). **Amazônia**. Memórias de Las Conferencias Magistrales del 3er Encuentro Internacional de Arqueología Amazónica. Quito, Ecuador: MCCTH/SENESCYT/3EIAA, 2014. p. 149-155.

STENBORG, Per. Towards a Regional History of Pre-Columbian Settlements in the Santarém and Belterra Regions, Pará, Brazil. In: STENBORG, Per. (Ed.) **Beyond Waters**: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland. Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg Press, 2016a. p. 9-22.

STENBORG, Per. (Ed.) **Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland**. Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg Press, 2016b.

STENBORG, Per *et al.* Precolumbian Land Use and Settlement Pattern in the Santarém Region, Lower Amazon. **Amazônica**, v. 4, n. 1, p. 222-250, 2012.

STENBORG, Per *et al.* Contours of the Past: LiDAR Data Expands the Limits of Late Pre-Columbian Human Settlement in the Santarém Region, Lower Amazon. **Journal of Field Archaeology**, v. 43, n. 1, p. 44-57, 2018.

STEWART, Julian. **Handbook of South American Indians**, Volume 3. The Tropical Forest Tribes. Washington (US): Government Printing office, 1948.

SYMANSKI, Luís; GOMES, Denise. Mundos mesclados, espaços segregados: cultura material, mestiçagem e segmentação no Sítio Aldeia em Santarém (PA). **Anais do Museu Paulista**, v. 20, n. 2, p. 53-90, 2012.

SYMANSKI, Luís; GOMES, Denise. Material Culture, Mestizaje, and Social Segmentation in Santarém, Northern Brazil. In: FUNARI, Pedro; SENATORE, Maria. (Eds.). **Archaeology of Culture Contact and Colonialism in Spanish and Portuguese America**. Cham, Switzerland: Springer International Publishing, 2014. p. 199-217.

TROUFFLARD, Joanna. O que dizem as coleções da relação entre moradores e vestígios arqueológicos na região de Santarém, Pará. In: SCHAAN, Denise. (Org.). **Arqueologia, patrimônio e multiculturalismo na beira da estrada: pesquisando ao longo das Rodovias Transamazônica e Santarém-Cuiabá, Pará**. Belém (PA): GK Noronha, 2012. p. 57-72.

TROUFFLARD, Joanna. Cerâmicas da Cultura Santarém, Baixo Tapajós. In: BARRETO, Cristiana *et al.* (Orgs.). **Cerâmicas arqueológicas da Amazônia: rumo a uma nova síntese**. Belém (PA): Museu Paraense Emílio Goeldi, 2016a. p. 245-260.

TROUFFLARD, Joanna. Well Builders of the Belterra Plateau, Lower Tapajós: Preliminary Data. In: STENBORG, Per. (Ed.). **Beyond Waters: Archaeology and Environmental History of the Amazonian Inland**. Gothenburg, Sweden: University of Gothenburg Press, 2016b. p. 47-52.

TROUFFLARD, Joanna. **Relationship Between Upland and Riverine Settlements in the Lower Amazon Region During Late Precolonial Times**. Thesis (PhD in Anthropology) – University of Florida, Florida (US), 2017.

TROUFFLARD, Joanna; ALVES, Daiana. Uma abordagem interdisciplinar do Sítio Arqueológico Cedro, Baixo Amazonas. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 14, n. 2, p. 553-580, 2019.

TROUFFLARD, Joanna. Towards an Understanding of the Socio-Political Organization of the Tapajó During Late Precolonial Times, Lower Amazon. **Amazônica**, v. 13, n. 1, p. 121-152, 2021.

WINKLERPRINS, Antoniette. **Between the Floods**: soils and agriculture on the Lower Amazon Floodplain, Brazil. Thesis (PhD in Geography) – University of Wisconsin, Madison (US), 1999a.

WINKLERPRINS, Antoinette. Insights and applications local soil knowledge: a tool for sustainable land management. **Society & Natural Resources**, v. 12, n. 2, p. 151-161, 1999b.

WINKLERPRINS, Antoniette. Recent Seasonal Floodplain-Upland Migration Along the Lower Amazon River. **The Geographical Review**, v. 92, n. 3, p. 415-431, 2002a.

WINKLERPRINS, Antoinette. Linking the Urban With the Rural: House-lot Gardens in Santarem, Para, Brazil. **Urban Ecosystems**, v. 6, n. 43-65, 2002b.

WINKLERPRINS, Antoinette. Jute Cultivation in the Lower Amazon, 1940–1990: An Ethnographic Account from Santarém, Pará, Brazil. **Journal of Historical Geography**, v. 32, n. 4, p. 818-838, 2006.

WINKLERPRINS, Antoinette. Sweep and Char and the Creation of Amazonian Dark Earths in Homegardens. In: WOODS, William *et al.* (Eds.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek’s Vision**. Dordrecht, Netherlands: Springer Science & Business Media, 2009. p. 205-211.

WINKLERPRINS, Antoinette; OLIVEIRA, Perpetuo. Urban Agriculture in Santarém Pará Brazil: Diversity and Circulation of Cultivated Plants in Urban Homegardens. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi**, v. 5, n. 3, p. 571-585, 2010.

WINKLERPRINS, Antoinette; FALCÃO, Newton. Soil fertility Management and its Contribution to the Formation of Amazonian Dark Earths in Urban Homegardens, Santarém, Pará, Brazil. In: **19th World Congress of Soil Science, Soil Solutions for a Changing World**. Anais [...]. Brisbane, Australia: International Union of Soil Sciences, 2010. p. 16-18.

WINKLERPRINS, Antoinette. Defining and Theorizing Global Urban Agriculture. In: WINKLERPRINS, Antoinette. (Ed.). **Global Urban Agriculture**. CAB International: Wallingsford (UK), 2017. p. 1-11

WOODS, William; MCCANN, Joseph. The Anthropogenic Origin and Persistence of Amazonian Dark Earths. **Yearbook Conference of Latin Americanist Geographers**, v. 25, p. 7-14, 1999.

WOODS, Willian *et al.* Amazonian Dark Earth Analysis: State of Knowledge and Directions for Future Research. In: SCHOOLMASTER F. Andrew. (Ed.). **Papers and Proceedings of the Applied Geography Conferences**. Denton, Texas: Applied Geography Conferences Inc., 2000. p. 114-121.

WOODS, William. Development of Anthrosol Research. In: LEHMANN, John *et al.* (Eds.). **Amazonian Dark Earths: Origin Properties Management**. Dordrecht, Netherlands: Springer, 2003. p. 3-14.

WOODS, William; DENEVAN, William. Amazonian Dark Earths: The First Century of Reports. In: WOODS, William *et al.* (Eds.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision**. Dordrecht, Netherlands: Springer Science & Business Media, 2009. p. 1-14.

WOODS, William *et al.* (Eds.). **Amazonian Dark Earths: Wim Sombroek's Vision**. Dordrecht, Netherlands: Springer Science & Business Media, 2009.